



**POLITÉCNICO
DE LISBOA**



**ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
DE LISBOA**

PORTEFÓLIO DA PRÁTICA SUPERVISIONADA II

Daniela Gomes Desidério

(Nº2016127)

Trabalho apresentado no âmbito da unidade curricular Prática Profissional Supervisionada

Módulo II – Jardim de Infância,

2.º Ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar

Orientadora: Professora Doutora Mónica Pereira

2017 – 2018

ÍNDICE

Introdução.....	1
1. Planificações e reflexões das atividades.....	2
2. Reflexões semanais	82
2.1. Reflexão da semana de 25 a 29 de setembro de 2017	82
2.2. Reflexão da semana de 2 a 6 de outubro de 2017.....	85
2.3. Reflexão da semana de 9 a 13 de outubro de 2017.....	88
2.4. Reflexão da semana de 16 a 20 de outubro de 2017.....	91
2.5. Reflexão da semana de 23 a 27 de outubro de 2017.....	94
2.6. Reflexão da semana de 30 de outubro a 3 de novembro	97
2.7. Reflexão da semana de 6 a 10 de novembro de 2017.....	99
2.8. Reflexão da semana de 13 a 17 de novembro de 2017.....	103
2.9. Reflexão da semana de 20 a 24 de novembro de 2017.....	106
2.10. Reflexão da semana de 27 a 30 de novembro de 2017	108
2.11. Reflexão da semana de 4 a 7 de dezembro de 2017.....	111
2.12. Reflexão da semana de 3 a 5 de janeiro de 2018	113
2.13. Reflexão da semana de 8 a 12 de janeiro de 2018	116
2.14. Reflexão da semana de 15 a 19 de janeiro de 2018	119
Anexos.....	123

LISTA DE ABREVIATURAS

EI	Educador de Infância
JI	Jardim de Infância
OCEPE	Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
PPS	Prática Profissional Supervisionada
UC	Unidade Curricular

INTRODUÇÃO

O presente portefólio surge no âmbito da unidade curricular Prática Profissional Supervisionada (PPS) em Jardim-de-Infância (JI) do 2.º ano, do Mestrado em Educação Pré-Escolar. A sua elaboração advém do meu período de intervenção num jardim de infância da rede pública de ensino entre os dias 25 de setembro e o dia 19 de janeiro de 2018.

Neste portefólio encontram-se compilados os registos¹ inerentes aos processos de planificação, avaliação e reflexão decorrentes da minha prática enquanto educadora-estagiária ao longo do meu período de intervenção. Deste modo, torna-se pertinente referir que este portefólio foi sendo construído ao longo de toda a minha intervenção e tornou-se num elemento de apoio à avaliação de toda a minha prática educativa, bem como à construção do relatório final da PPS.

Posto isto, este portefólio encontra-se organizado em duas partes fundamentais, sendo estas: a planificação das atividades desenvolvidas e posterior reflexão; e as reflexões realizadas semanalmente sobre temáticas emergentes no contexto educativo. Importa ainda referir que para a realização deste documento foram tidas em conta informações, que se constituem como duas partes fundamentais do relatório final da PPS, sendo estas a *Caracterização para a Ação* e as *Intenções para a Ação*. Estas contêm informações essenciais para a elaboração das planificações e das reflexões presentes neste documento, uma vez que para agir com intencionalidade temos de conhecer, mas por questões de organização encontram-se compiladas no relatório final e não constam neste documento.

¹ Importa referir que as fotografias apresentadas contam com a autorização das famílias das crianças para este efeito. (Cf. Anexo A).

1. PLANIFICAÇÕES E REFLEXÕES DAS ATIVIDADES

Planificação das Atividades

Data: 02.10.2017 a 06.10.2017

Observação

Ideias de partida:

. Tendo em conta que esta será a segunda semana de estágio, e apesar de a semana passada ter sido dedicada à observação, penso que ainda existem alguns aspetos que necessito de observar. A meu ver, só através dos conhecimentos que possuímos sobre o grupo com que trabalhamos é possível intervir com práticas de qualidade e de acordo com os interesses das crianças.

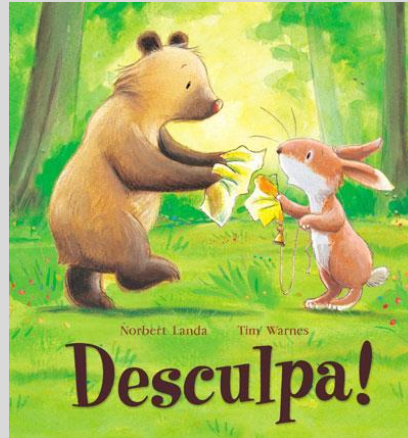
Materiais:

. Caderno de registos

Estratégias de concretização

. Durante esta semana devo continuar a observar as várias situações do quotidiano das crianças deste grupo. Devo ainda participar ativamente na sua rotina e dialogar com as mesmas. Só assim serei capaz de estabelecer relações com as crianças e de tomar consciência das suas características e dos seus interesses. No final de cada dia ou em momentos adequados irei realizar algumas notas para posterior reflexão e análise.

Desculpa!



Ideias de partida:

- . Tendo em conta o observado, as crianças deste grupo ainda demonstram alguma dificuldade em partilhar com os colegas.
- . Com a leitura desta história pretendo que as crianças reconheçam a importância de partilhar com o outro e de respeitar o outro e os seus sentimentos.

Materiais:

- . Livro *Desculpa!* de Norbert Landa

Áreas de Conteúdo e domínios

- . Área de formação pessoal e social – Convivência democrática e cidadania
- . Área de expressão e comunicação – Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita

Intencionalidades educativas

- . Desenvolver capacidades de comunicação.
- . Desenvolver o gosto pela leitura de histórias.
- . Desenvolver relações entre pares.
- . Desenvolver a capacidade de reconhecer as necessidades e sentimentos do outro.

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

- . O educador de infância deve preparar todos os materiais necessários à realização da
-

atividade. Seguidamente solicitará a todas as crianças que se disponham em roda.

. Posto isto, o educador de infância posicionar-se-á para que todas as crianças o consigam ver e procederá à contagem da história. Este deverá manter o grupo envolvido nomeadamente através da expressividade da sua voz e até do seu corpo.

. Terminado o conto da história o educador de infância ouvirá as opiniões das crianças e colocará algumas questões sobre a mesma.

Indicadores de avaliação:**Seguimento:**

. Participa no momento de leitura da história, ouvindo-a e prestando atenção. . É feito o registo fotográfico da atividade.

. Comunica, dando a sua opinião sobre a história.

Avaliação/reflexão das atividades**Data: 14.10.2017**

De uma forma geral posso afirmar que esta atividade de leitura correu bem, tanto no que diz respeito às estratégias que utilizei, como à forma como as crianças responderam à mesma.

No que toca às estratégias que utilizei penso que estas resultaram com o grupo e que mantiveram as crianças interessadas. Primeiramente, simulei uma chamada telefónica o que captou de forma imediata a atenção de todo o grupo que estranhou que eu estivesse a atender uma chamada na sala de atividades. A partir daí comecei por perguntar-lhes se queriam saber com quem tinha falado e depois iniciei o conto da história.

A forma como o grupo respondeu a esta atividade foi positiva, pois uma vez que não recorri ao livro o conto da história tornou-se mais dinâmico. Isto é, consegui ir cativando o grupo com algumas questões sobre o que estes pensariam que iria acontecer ou sobre a sua opinião sobre determinado assunto da história. Nestes momentos, as respostas das crianças foram bastante pertinentes o que demonstrou o seu interesse no momento que estavam a vivenciar.

Tendo em conta o supracitado posso afirmar mais uma vez que esta atividade de leitura correu bem, excetuando um pequeno momento no final da história. Este prende-

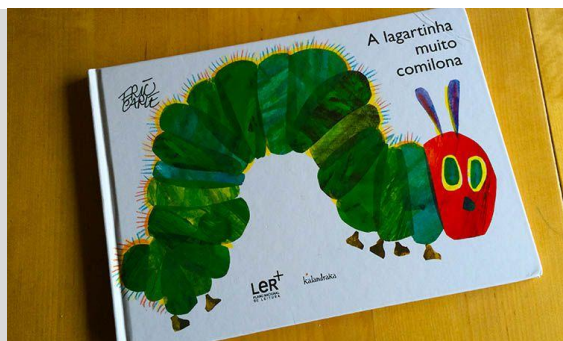
se com o facto de eu ter contado a história sentada no tapete junto das crianças. Uma vez que por motivos de saúde a educadora cooperante costuma utilizar uma cadeira para se sentar perto do grupo quando reunidos no tapete, estes não estão habituados ao facto de que quem conta a história esteja ao seu nível. Assim, quando no final do conto tentei mostrar as imagens do livro às crianças para que estas percebessem que a história que contei também existia em formato escrito, estas queixaram-se que não conseguiam ver e queriam todas aproximar-se de mim. Nesta altura e por sugestão da educadora sentei-me na cadeira e passei a mostrar-lhes as imagens. Esta foi uma solução para o momento, pois as crianças voltaram aos seus lugares e consegui então mostrar-lhes as imagens da história.

Como forma de terminar a atividade questionei as crianças sobre o que tinham pensado sobre a história e escutei as suas opiniões sobre a mesma. Estas deram a sua opinião e recordaram a importância de alguns dos aspetos que surgiram na história, como a importância de pedir desculpa e de partilhar com o outro.

Planificação das Atividades

Data: 10.10.2017

A lagartinha muito comilona



Ideias de partida:

. Tal como a leitura do livro *Come a sopa* de Marta, esta leitura é realizada com o intuito de levar as crianças a perceberem a importância de uma alimentação saudável.

Materiais:

. Livro *A lagartinha muito comilona* de Eric Carle

. Esta história será ainda utilizada como indutor de alguns conceitos matemáticos, como o de sentido de número, padrões, e sequências.

Áreas de Conteúdo e Domínios

Intencionalidades Educativas

. Área de formação pessoal e social – Independência e autonomia

. Área de expressão e comunicação – Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita; Domínio da matemática

. Fomentar hábitos de alimentação saudável.

. Promover a independência da criança nos cuidados consigo mesma.

. Promover capacidades de comunicação.

. Promover o gosto pela leitura de histórias.

. Desenvolver o sentido de número.

. Desenvolver o conceito de sequência.

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

. O educador de infância deve preparar todos os materiais necessários à realização da atividade. Seguidamente solicitará a todas as crianças que se disponham em roda.

. Posto isto, o educador de infância posicionar-se-á de forma que todas as crianças o consigam ver e procederá à contagem da história. Este deverá manter o grupo envolvido nomeadamente através da expressividade da sua voz e até do seu corpo.

. Terminado o conto da história, o educador de infância ouvirá as opiniões das crianças e colocar-lhes-á algumas questões sobre a mesma. Estas questões estarão relacionadas com a história, mas também irão ser realizadas com o intuito de abordar hábitos de alimentação saudável, o sentido de número, bem como as sequências. (A título ilustrativo – “A lagartinha comia comida saudável?”; “Na segunda-feira a lagartinha comeu uma maçã. Na quarta-feira ela comeu três ameixas. Quantas peças de fruta é que a lagartinha comeu a mais?”).

Indicadores de avaliação:

Seguimento:

. Participa do momento de leitura da . É realizado o registo fotográfico da

história, ouvindo-a e prestando atenção.	atividade.
. Comunica, dando a sua opinião sobre a história.	. Construção de uma lagarta com os dias da semana e as peças de fruta que esta comeu em cada um deles.
. Intervém de forma pertinente.	. Realização de algumas atividades que envolvam padrões.
. Realiza contagens.	. Os resultados das atividades realizadas devem ser partilhados em grande grupo.

Avaliação/reflexão das atividades

Data: 14.10.2017

De um modo geral, posso afirmar que esta atividade correu bem, na medida em que o grupo esteve atento e interessado durante o conto da história. Com a exceção de duas crianças, que por já conhecerem a história não demonstrarem tanto interesse em ouvi-la novamente, o restante grupo participou ativamente na contagem das frutas que a lagartinha comeu e foi responsivo quando solicitado.

Para contar esta história saliento o facto de me ter voltado a sentar no chão junto do grupo e não numa cadeira. Isto é, inicialmente e para contar outras histórias tentei fazê-lo, mas nem sempre correu muito bem e como tal experimentei contar as histórias também sentada numa cadeira. No entanto, e tendo em conta que considero o facto de estar ao nível das crianças muito importante voltei a tentar fazê-lo e desta vez correu tudo pelo melhor. A meu ver, tal correu bem, uma vez que as crianças começam a perceber que mesmo sentada junto deles consigo contar a história e partilhar as imagens da história sem que seja necessário que saiam dos seus lugares e que se coloquem à frente dos seus amigos impedindo-os de ver o livro.

Outra estratégia que utilizei e que foi bem-sucedida foi o facto de durante a história colocar algumas perguntas às crianças sobre o que ia narrando, ou seja fui definindo alguns objetivos de escuta. Esta estratégia resultou uma vez que as crianças queriam responder acertadamente e para tal estavam até mais atentas à história.

Em jeito de conclusão, posso mais uma vez afirmar que esta atividade correu bem,

no entanto, e apesar de tentar ser sempre muito expressiva quando conto uma história, seja a nível da expressividade da voz, seja a nível da expressividade corporal, penso que numa próxima leitura devo dinamizá-la de uma outra forma. Ou seja, uma vez que este grupo demonstra ter algum interesse em ouvir histórias, dinamizar uma leitura de outro modo iria captar ainda mais a sua atenção.

Planificação das Atividades

Data: 09.10.2017

Come a sopa Marta!



Ideias de partida:

. Tendo em conta a recusa constante de algumas crianças do grupo em comer sopa ao almoço e uma vez que a educadora cooperante irá abordar o tema da importância de uma alimentação saudável com o grupo, considero que a leitura desta história pode ser um bom incentivo às crianças para a aquisição de bons hábitos alimentares.

Materiais:

. Livro *Come a sopa Marta!* de Marta Torrão

Áreas de Conteúdo e Domínios

. Área de formação pessoal e social – Independência e autonomia

Intencionalidades Educativas

. Fomentar hábitos de alimentação saudável.

-
- . Área de expressão e comunicação – . Promover a independência da criança Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita nos cuidados consigo mesma.
- . Promover capacidades de comunicação.
- . Promover o gosto pela leitura de histórias.
-

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

- . O educador de infância deve preparar todos os materiais necessários à realização da atividade. Seguidamente solicitará a todas as crianças que se disponham em roda.
- . Posto isto, o educador de infância posicionar-se-á de forma que todas as crianças o consigam ver e procederá à contagem da história. Este deverá manter o grupo envolvido nomeadamente através da expressividade da sua voz e até do seu corpo.
- . Terminado o conto da história o educador de infância ouvirá as opiniões das crianças e colocar-lhes-á algumas questões sobre a mesma.
-

Indicadores de avaliação:

Seguimento:

- . Participa do momento de leitura da história, ouvindo-a e prestando atenção.
- . Comunica, dando a sua opinião sobre a história.
- . Intervém de forma pertinente.
- . É realizado o registo fotográfico da atividade.
-

Avaliação/reflexão das atividades

Data: 12.10.2017

De uma forma geral posso afirmar que esta atividade de leitura tal como as que realizei até agora correu bem. Mais uma vez o grande grupo demonstrou-se bastante interessado no momento de leitura e uma vez que a história se relacionava com o tema a ser abordado nesta semana na sala – alimentação saudável – as crianças realizaram inclusive algumas intervenções interessantes e pertinentes.

Inicialmente decidi contar esta história ao grupo como forma de incentivar as crianças a comerem a sopa na hora do almoço e de as fazer entender a sua importância.

Assim, foi muito curioso observar que depois deste momento de leitura as crianças, tal como acontece na história, decidiram comer a sopa sem a recorrente resistência que apresentam e alegando estarem à procura do “Chico” no fundo da tigela.

Importa salientar que enquanto estava a contar esta história ao grande grupo, algumas das crianças, intervieram de forma pertinente e respeitando os seus colegas. Estes partilharam algumas confidências sobre as sopas de sua casa, as suas sopas preferidas e disseram que iriam passar a comer a sopa toda.

No que toca às estratégias que utilizei penso que estas resultaram com o grupo e que mantiveram as crianças interessadas. Primeiramente, e como forma de fazer o grupo retornar à calma uma vez que tinham estado no recreio, pedi às crianças que cantassem comigo a canção escolhida pela educadora cooperante para sinalizar o início destes momentos de leitura. Importa salientar que uma vez que se encontravam mais crianças presentes na sala de atividades e como forma de não privar a visão de cada um das imagens do livro optei por me sentar numa das cadeiras da sala junto ao tapete. Tal estratégia foi sugerida pela educadora cooperante que partilhou comigo que o grupo, pelo menos neste primeiro período, corresponderia melhor ao que lhes pedia se me sentasse na cadeira e não no chão junto destes.

Como forma de terminar a atividade questionei as crianças sobre o que tinham pensado sobre a história e escutei as suas opiniões sobre a mesma. Estas deram a sua opinião e recordaram a importância de alguns dos aspetos que surgiram na história, como a importância de hábitos de vida saudáveis.

Planificação das Atividades

Data: 18.10.2017

O nosso livro de receitas

Ideias de partida:

. Tendo em conta que iremos realizar uma
salada de fruta e espetadas de fruta com as
crianças e é intenção da educadora

Materiais:

. Cartão
. Cartolinas
. Folhas de papel

elaborar outras receitas com as mesmas	. Canetas de feltro
torna-se pertinente realizar o registo das	. Lápis de cor
destas juntando-as e compilando um	. Cola
pequeno livro.	. Tesoura
	. Prosetos para recortes

Áreas de Conteúdo e Domínios

Intencionalidades educativas

. <u>Área de formação pessoal e social</u> – Independência e autonomia	. Promover hábitos de alimentação saudável.
. <u>Área de expressão e comunicação</u> – Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita; Domínio da Educação Artística – Subdomínio das Artes Visuais	. Promover capacidades de comunicação. . Promover o reconhecimento da importância da escrita. . Desenvolver capacidades de expressão através de experimentações e produções plásticas.

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

. O educador deverá propor ao grupo a criação deste livro de receitas para a sala ao qual deverão ser acrescentadas várias receitas realizadas com as crianças ao longo do ano.

. Ao propor ao grupo a criação deste livro o educador de infância deve questionar as crianças sobre a função e a utilidade que este livro pode ter.

. Seguidamente deve explicar ao grupo que apesar de esta ser uma atividade em que todos podem participar não o podem fazer todos em simultâneo. Desta forma, o educador deverá decidir em conjunto com as crianças a forma como podem dividir tarefas.

. Depois de divididas as tarefas o educador de infância deverá questionar as crianças sobre a forma como pretendem construir a capa do livro e o que nela deve constar.

. Seguidamente o educador deve solicitar a uma ou duas crianças que fiquem responsáveis por relembrar os passos que seguiram para a realização da receita e os ingredientes que utilizaram. Nesta altura o educador de infância deve escrever o modo

de preparação e os ingredientes necessários para a receita numa folha branca para que as crianças responsáveis possam copiar esta informação para a folha da respetiva receita. Importa ainda salientar que neste momento o educador de infância deve dar especial atenção às crianças que ainda não conseguem desenhar de forma tão legível as letras. Tal não deve ser impedimento de participar na criação deste livro, pois mesmo que a criança não se sinta à vontade para copiar as informações necessárias para a folha de registo pode sempre participar de outra forma, como por exemplo na ilustração da receita.

. Sempre que uma receita do livro é terminada, o educador de infância deverá incentivar as crianças a partilharem e apresentarem aos colegas o trabalho desenvolvido.

Indicadores de avaliação:	Seguimento:
. Participa na criação do livro de receitas dando a sua opinião.	. É realizado o registo fotográfico da atividade.
. Intervém de forma pertinente.	. Ao longo de todo o ano letivo podem ser realizadas e registadas outras receitas para
. Participa na elaboração das receitas.	que sejam inseridas no livro de receitas da
. Descreve a forma como está a criar o seu registo.	sala.
. Identifica os ingredientes utilizados nas receitas.	
. Descreve os passos seguidos para a elaboração da receita.	

Avaliação/reflexão das atividades

Data: 18.10.2017

Esta atividade surgiu no seguimento das receitas que foram elaboradas na sala com as crianças já que estas demonstram sempre grande interesse em realizar atividades de culinária. Pensei nesta atividade, uma vez que, o facto de serem criados registos sobre as receitas realizadas na sala de atividades, permite que estes sejam reutilizados mais tarde e são uma outra forma de envolver as crianças neste tipo de tarefas.

O livro de receitas da sala foi realizado em pequenos grupos como forma de garantir um maior apoio às crianças que o estivessem a realizar. No entanto, importa salientar que antes de iniciara a construção do livro de receitas conversei com o grande grupo sobre o que estes pensavam sobre a ideia de criar o mesmo. Apesar de existirem algumas crianças no grupo que não sabiam do que se tratava um livro de receitas, rapidamente outras crianças, como a S., explicaram aos seus colegas o que este era e as suas funções. A meu ver, esta partilha em grande grupo é uma mais-valia para todas as crianças, pois nestes momentos são trocadas experiências e conhecimentos que enriquecem a comunicação e as vivências das crianças. Neste momento destaco também o facto de ter realizado algumas comparações entre vários suportes de escrita existentes e as suas funções para que as crianças comecem a tomar consciência das várias funcionalidades da escrita.

Posto isto, como forma de iniciar a atividade solicitei a algumas crianças que se dirigissem comigo para uma das mesas da sala e questionei-as sobre a forma como pensavam que deveríamos construir o livro de receitas. Estas foram muito responsivas dando várias soluções e todas bastante pertinentes.

Terminada a construção da capa iniciámos o registo das receitas já realizadas. Para tal, as crianças escolheram a receita sobre a qual queriam fazer o registo e depois pedilhes que relembassem todo o processo. Estas fizeram-na ajudando-se uns aos outros, sendo que nestes momentos aproveitei para destacar a importância de trabalhar em equipa. Depois de divididas as tarefas fui auxiliando as crianças com os seus registos até que estivessem terminados.

Terminados todos os registos, as crianças colocaram as folhas dentro do livro de receitas que foi apresentado ao grande grupo num dos momentos da tarde. Este não ficou concluído uma vez que sempre for realizada uma receita as crianças podem

realizar o seu registo e este pode ser acrescentado ao livro.

Uma importante observação a realizar sobre esta atividade é a reação da S. à mesma. Esta foi a criança que mais se interessou pela criação do livro de receitas e perguntou-me inclusive num dos dias depois de realizada a atividade se não iríamos acrescentar mais receitas ao nosso livro e se íamos quando. Expliquei-lhe que o poderíamos fazer sempre que realizássemos alguma atividade de culinária. Esta perguntou-me se o que fazia em casa com a mão contava ou se só eram importantes a que eram realizadas na escola. Ao deparar-me com esta situação esclareci à criança que todas as receitas eram importantes e que se ela quisesse partilhar com os amigos uma receita que fez com o pai bastava trazer algum tipo de resultado para mostrar aos amigos.

Tendo em conta o supracitado posso afirmar que esta atividade correu bem, até melhor do que inicialmente era por mim esperado.

Planificação das Atividades

Data: 18.10.2017

Frutas e carimbos

Ideias de partida:

. Uma vez que a educadora cooperante pretende realizar com as crianças algumas espetadas de fruta, torna-se pertinente a criação de alguns registos sobre as mesmas. A utilização de esponjas como carimbos irá permitir às crianças a exploração de uma diferente forma de pintura ao mesmo tempo em que criam os seus registos.

Materiais:

. Folhas brancas
. Esponjas
. Tintas

Áreas de Conteúdo e Domínios	Intencionalidades educativas
. <u>Área de formação pessoal e social</u> – Independência e autonomia	. Promover hábitos de alimentação saudável.
. <u>Área de expressão e comunicação</u> – Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita; Domínio da Educação artística; Domínio da matemática.	. Promover capacidades de comunicação. . Desenvolver capacidades de expressão através de experimentações e produções plásticas. . Desenvolver o sentido do número.

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

. Terminadas as espetadas de fruta, as crianças poderão elaborar um registo sobre a forma como construíram a sua espetada. Para tal, o educador de infância deve preparar todos os materiais necessários às crianças e disponibilizá-los para que estas os possam utilizar.

. Posto isto, as crianças poderão realizar os registos seus registos numa folha branca utilizando carimbos diferenciados para representar as frutas utilizadas nas espetadas (neste caso as frutas utilizadas foram bananas e uvas), bem como a quantidade de cada uma delas.

. O educador de infância deverá ir auxiliando as crianças quando necessário e colocando questões sobre a forma como estão a criar os seus registos como forma de as fazer desenvolver as suas capacidades de comunicação.

. Terminados os registos o educador de infância deverá solicitar a cada uma das crianças que apresente o resultado da sua atividade aos restantes elementos do grupo.

Indicadores de avaliação:	Seguimento:
. Descreve a forma como está a criar o seu registo.	. É realizado o registo fotográfico da atividade.
. Associa os diferentes carimbos às diferentes frutas utilizadas.	. Terminado o registo sobre as espetadas de fruta as crianças poderão explorar a técnica de carimbagem livremente.
. Realiza contagens.	
. Apresenta o resultado da sua atividade	

aos colegas.

Avaliação/reflexão das atividades

Data: 18.10.2017

Esta atividade correu muito bem, na medida em que, as crianças utilizaram os carimbos com muito entusiasmo. Estas foram capazes de associar cada um dos carimbos às diferentes frutas utilizadas nas espetadas além de terem sido capazes de representar o número correto de cada pedaço de fruta utilizada. Ou seja, se colocaram dois pedaços de banana seguidos no pau da espetada, também utilizaram duas vezes o carimbo da banana e o mesmo fizeram com as restantes frutas.

Algumas das crianças perguntaram se poderiam fazer o seu registo com canetas de feltro e não com os carimbos e uma vez que tomaram esta iniciativa realizaram desta forma os seus registos. Depois de o fazer utilizaram livremente os carimbos para que também estas tivessem oportunidade de os explorar.

Foi curioso verificar que algumas das crianças que pediram para realizar o seu registo com as canetas de feltro, quando estavam a manipular os carimbos livremente voltaram a criar a representação da sua espetada de fruta.

Importa salientar que tanto nos momentos em que as crianças utilizaram os carimbos como forma de registo das suas espetadas como no momento em que o estava a fazer livremente estas foram capazes de explicitar o que estavam a fazer e o porquê de o estarem a fazer.

“D - O que é que vais fazer?”

A - Vou por assim duas bolinhas roxas que são as uvas e depois o amarelo que é a banana.” (Nota de campo de 18.10.2017, sala de atividades)

“D – Quantas uvas colocaste primeiro na tua espetada?”

S. – Duas!

D- E depois das uvas?

S. – Uma banana.” (Nota de campo de 18.10.2017, sala de atividades)

Dentinho, Dentola, Dentão



Ideias de partida:

. Tendo em conta que por várias vezes e diferentes crianças do grupo me falaram sobre os seus dentes, principalmente para contar que lhes tinha caído um, considero pertinente contar-lhes uma histórias que fale sobre eles.

Materiais:

. Livro *Dentinho, Dentola, Dentão* de José Fanha

Áreas de Conteúdo e Domínios

- . Área de formação pessoal e social – Independência e autonomia
- . Área de expressão e comunicação – Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita
- . Área do conhecimento do mundo - Abordagem às ciências

Intencionalidades Educativas

- . Fomentar hábitos de alimentação saudável.
- . Fomentar hábitos de higiene oral.
- . Promover a independência da criança nos cuidados consigo mesma.
- . Promover capacidades de comunicação.
- . Promover o gosto pela leitura de histórias.

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

. O educador de infância deve preparar previamente a leitura deste livro uma vez que este contém várias rimas com as quais poderá brincar da forma mais cativante possível. Além disso, o educador de infância deve prepara todos os materiais necessários à

realização da atividade.

. Como forma de iniciar a atividade o educador de infância deverá solicitar a todas as crianças que se disponham em roda e sentadas no tapete.

. Posto isto, o educador de infância sentar-se-á no tapete de forma que todas as crianças o consigam ver e procederá à contagem da história. Este deverá manter o grupo envolvido nomeadamente através da expressividade da sua voz e até do seu corpo.

. Terminado o conto da história o educador de infância ouvirá as opiniões das crianças e colocar-lhes-á algumas questões sobre a mesma.

Indicadores de avaliação:	Seguimento:
. Participa do momento de leitura da história, ouvindo-a e prestando atenção.	. É realizado o registo fotográfico da atividade.
. Comunica, dando a sua opinião sobre a história.	. Uma vez que este é um tema do interesse das crianças o educador de infância pode tentar perceber junto do grupo se desejam realizar um projeto (segundo a metodologia de trabalho por projeto)
. Intervém de forma pertinente.	sobre o mesmo.
. Identifica bons hábitos de higiene oral.	
. Nomeia alimentos prejudiciais à saúde oral.	

Avaliação/reflexão das atividades

Data: 21.10.2017

De um modo geral esta atividade correu bem na medida em que o grande grupo demonstrou interesse em ouvir a história e as crianças estavam concentrados e participativas quando assim solicitava. Um fator que a meu ver contribuiu para tal foi o facto de esta história brincar com as palavras e utilizar várias rimas que cativam a atenção das mesmas.

Terminado o conto da história iniciei uma conversa com o grande grupo que com entusiasmo foi partilhando as suas ideias e respondendo a algumas perguntas sobre a história. Nesta conversa em grupo foram várias as crianças que foram capazes de identificar maus hábitos de higiene oral; alimentos propícios a uma dentição saudável ou a uma dentição com dentes não saudáveis. As intervenções foram na sua maioria

pertinentes apesar de existirem por vezes algumas crianças que nos momentos de grande grupo dispersaram um pouco.

Neste seguimento e tendo em conta que as crianças estavam interessadas na temática decidi questioná-las sobre a hipótese de tentarmos descobrir mais sobre a mesma. Estas disseram estar de acordo e a partir daí realizámos uma chuva de ideias sobre aquilo que estas já sabiam e sobre o que gostariam de saber. Nesta altura questionei as crianças sobre possíveis respostas para as questões levantadas de forma que no final do projeto seja possível colocar as respostas encontradas e confrontá-las com as ideias iniciais das mesmas.

Depois de afixadas na sala as várias ideias das crianças e uma vez que algumas das crianças do grupo já estavam a começar a dispersar e ficar inquietas para poderem ir para as áreas da sala dei por terminada esta atividade. No entanto, não posso deixar de salientar que no dia seguinte, voltei a reunir o grande grupo para relembrar o que tinha sido realizado no dia anterior e nesta altura as crianças decidiram de que forma poderíamos obter informação para dar resposta às questões do projeto. Neste momento destaca também a pertinência das intervenções da S. e do F. que demonstraram bastante interesse na temática e por várias vezes intervieram de forma muito pertinente.

Planificação das Atividades

Data: 24.10.2017

Aranhas recicladas



Ideias de partida:

. Numa conversa em grande grupo sobre as atividades realizadas até então desde que começou o Outono as crianças

Materiais:

. Caixas de ovos
. Tintas
. Limpa cachimbos

partilharam a vontade de realizar algumas atividades relacionadas com o Dia das Bruxas. Desta forma, esta atividade torna-se pertinente uma vez que vai ao encontro dos interesses das crianças, além de abordar o tema da reciclagem e da possível reutilização de alguns materiais que aparentemente não teriam outra utilidade.

Áreas de Conteúdo e Domínios	Intencionalidades Educativas
. <u>Área de formação pessoal e social</u> – Convivência democrática e cidadania	. Fomentar a adoção de prática “amigas” do ambiente.
. <u>Área de expressão e comunicação</u> – Domínio da Educação Artística – Subdomínio das Artes Visuais	. Promover capacidades de comunicação. . Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de produções plásticas.

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

-
- . O educador de infância deve preparar previamente todos os materiais necessários para a realização da atividade.
 - . Para dar início à atividade o educador de infância explicita às crianças os objetivos da atividades e presta-lhes todas as indicações necessárias para que estas a consigam concluir.
 - . Seguidamente o educador de infância deverá organizar as crianças em pequenos grupos para que estas se entremudem durante a atividade.
 - . Durante o desenvolver da atividade o educador de infância deve ir prestando auxílio e apoiando as crianças sempre que estas o necessitem.
 - . Terminada a construção das aranhas por parte das crianças, o educador de infância deverá pedir às crianças que partilhem com os colegas o resultado da sua construção plástica.
-

Indicadores de avaliação:

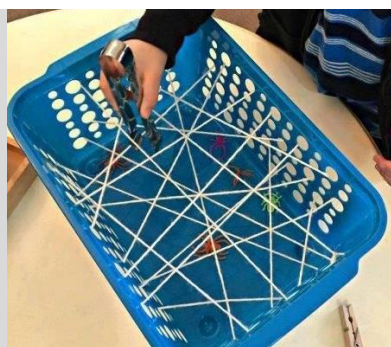
- . Explora diferentes formas de utilização de um mesmo objeto.
- . Explora a utilização de materiais reutilizáveis.
- . Explora a criação de objetos tridimensionais.
- . Manipula materiais de expressão artística.

Seguimento:

- . É realizado o registo fotográfico da atividade.
- . Os resultados da atividade devem ser partilhados com todos e expostos na sala.

Avaliação/reflexão das atividades**Data:**

Apesar de ter sido planificada por mim, esta atividade foi dinamizada num momento em que não me encontrava na sala de atividades. Desta forma não poderei avaliar e refletir sobre a forma como decorreu.

Planificação das Atividades**Data: 25.10.2017****Jogo do cesto**

Ideias de partida:

- . Tendo em conta que algumas das crianças do grupo têm alguma dificuldade

Materiais:

- . Cesto
- . Trapilho

em realizar movimentos de maior precisão . Velcro
 este jogo surge como forma de potenciar a . Pinças
 exploração desses movimentos. Como . Objetos em feltro
 forma de cativar a atenção e o interesse . Objetos relacionados com o dia das
 das crianças serão utilizados objetos bruxas
 relacionados com o Dia das Bruxas que
 estes queriam celebrar.

Áreas de Conteúdo e Domínios	Intencionalidades Educativas
. <u>Área de expressão e comunicação</u> – Domínio da educação física; Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita - Comunicação oral.	. Estimular o desenvolvimento da motricidade fina. . Desenvolver o controlo de movimentos de perícia e manipulação.
. <u>Área de formação pessoal e social</u> – Independência e autonomia.	. Promover a autonomia da criança no que diz respeito a atividades e cuidados a terem consigo próprias e que exigem a utilização de movimentos mais precisos.

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

- . O educador de infância deve preparar previamente todos os materiais necessários para a realização da atividade.
- . Para dar início à atividade o educador de infância explicita às crianças os objetivos da atividades e presta-lhes todas as indicações necessárias para que estas consigam concluir. Este deverá explicitar às crianças que deverão com a ajuda o velcro e da pinça alcançar os objetos no fundo do cesto para que os consigam retirar do mesmo e através dos fios de trapilho que o atravessam.
- . Seguidamente o educador de infância deverá organizar as crianças para que estas a pares procedem à exploração do jogo.
- . Durante o desenvolver da atividade o educador de infância deve ir prestando auxílio e apoiando as crianças sempre que estas o necessitem.
- . Quando as crianças recolherem todos os objetos do fundo do cesto este considera-se

terminado.

. As crianças poderão realizar esta tarefa quantas vezes quiserem de forma a progressivamente aumentarem o controlo que detém sobre os seus movimentos.

Indicadores de avaliação:

Seguimento:

. Coopera com o colega procurando estratégias para a resolução do jogo.

. É realizado o registo fotográfico da atividade.

. Manipula a pinça e o velcro de forma a alcançar o seu objetivo.

. Expressa oralmente as suas intenções.

. Explicita oralmente as suas ações.

Avaliação/reflexão das atividades

Data: 28.10.2017

Para a realização desta atividade criei pequenos grupos de crianças aos quais expliquei que deveriam tentar retirar os objetos em feltro do cesto, mas evitando tocar nas “teias” que encontravam como obstáculos. Para conseguirem retirar os objetos do cesto as crianças tinham duas formas de o fazer: ou utilizando uma colher que na ponta tinha um pedaço de velcro que fazia os objetos de feltro a ele ficarem colados; ou utilizando uma pinça.

Durante este jogo permiti que as crianças explorassem as duas formas de retirarem os objetos e questionei-as sobre a forma que lhes era mais fácil. Todas elas me responderam que com a colher era mais fácil uma vez que como o objeto ficava agarrado ao velcro só tinham de se preocupar em retirá-lo do cesto. No que toca à pinça, esta exigia que estes tivessem um maior controlo sobre as suas ações e que a manipulassem com mais precisão ao mesmo tempo em que se preocupavam em conseguir retirar o objeto.

Importa referir que os objetos utilizados eram alusivos ao Dia das Bruxas e de várias cores e tamanhos. Desta forma e tendo em conta as suas características consegui colocar diversas questões às crianças, como por exemplo, “quantos fantasmas/ abóboras/ morcegos estão na caixa?”; “qual é a cor dos fantasmas/ abóboras/

morcegos?”. Além destas questões este jogo também me permitiu questionar as crianças sobre as texturas dos vários objetos e do velcro – macios e áspero.

Foi muito interessante verificar que todas as crianças do grupo estiveram muito interessadas no jogo e todas elas o quiseram repetir. Depois de todas as crianças terem experimentado pelo menos uma vez o jogo orientei-as para que se organizassem e jogassem em pequenos grupos mesmo que eu não estivesse presente. Nesta altura lembrei todas as regras e incentivei as crianças mais velhas a ajudarem as mais novas quando estas queriam jogar.

Outro aspeto a salientar foi o facto de as crianças serem capazes de se manterem a jogar sem a minha interferência e respeitando as regras sem perderem o interesse e principalmente respeitando o outro e as regras do jogo.

Se inicialmente pensei que as crianças mais novas seriam as mais interessadas neste jogo, tal não se verificou uma vez que, tal como supracitado todo o grupo se interessou pelo mesmo.

Como forma de permitir que as crianças continuem a explorar este jogo deixei-o na sala de atividades para que o façam livremente, seja de forma individual, seja em pequenos grupos.

Planificação das Atividades

Data: 26.10.2017

Pintura de sopro



Ideias de partida:

Materiais:

. Esta é mais uma das atividades a serem realizadas no âmbito do dia das bruxas. Esta permitirá que as crianças explorem uma diferente forma de pintura e que utilizem a sua imaginação para criar pequenos “monstrinhos” para o dia das bruxas.

. Folhas de papel brancas
. Tintas
. Palhinhas
. Olhos autocolantes
. Caneta preta

Áreas de Conteúdo e Domínios

Intencionalidades Educativas

. Área de expressão e comunicação - Domínio da Educação Artística – Subdomínio das Artes Visuais; Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita - Comunicação oral.

. Promover capacidades de comunicação.
. Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de produções plásticas.

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

. O educador de infância deve preparar previamente todos os materiais necessários para a realização da atividade.
. Para dar início à atividade o educador de infância explicita às crianças os objetivos da atividades e presta-lhes todas as indicações necessárias para que estas a consigam concluir.
. Seguidamente o educador de infância deverá organizar as crianças em pequenos grupos.
. Durante o desenvolver da atividade o educador de infância deve ir prestando auxílio e apoiando as crianças sempre que estas o necessitem.
. Terminada a pintura de sopro por parte das crianças, o educador de infância deverá pedir às crianças que partilhem com os colegas o resultado da sua construção plástica.

Indicadores de avaliação:

Seguimento:

. Manipula materiais de expressão artística.
. É realizado o registo fotográfico da atividade.

-
- . Explora a pintura através do sopro.
 - . Expressa oralmente as suas intenções.
 - . Apresenta aos seus colegas o resultado da sua atividade.
- . Os resultados da atividade devem ser partilhados com todos e expostos na sala.
-

Avaliação/reflexão das atividades

Data: 28.10.2017

Este grupo nunca tinha experimentado esta forma de pintura e antes de iniciar a atividade questionei-o sobre a forma como estes pensavam que iríamos utilizar as palhinhas para pintar. Estas responderam que poderiam ser utilizadas “para fazer bolinhas” (B.) (tipo carimbo), ou para “fazer assim (a criança simula que raspa a palhinha no papel)” (S.), não colocando a hipótese do sopro. Nesta altura a educadora cooperante questionou-as sobre a forma como utilizam as palhinhas e explicou-lhes que para esta pintura iríamos utilizá-las ao contrário, isto é, ao invés de utilizá-las para sugar iríamos utilizá-las para soprar a tinta.

Posto isto, pedi a um pequeno grupo de crianças que me acompanhasse para a realização da atividade, enquanto as restantes exploravam as áreas da sala ou realizavam outra atividade com a educadora cooperante.

Embora no final da pintura eu pretendesse que cada uma das crianças criasse o seu “monstrinho” para o dia das bruxas, tal como me pediram anteriormente, incentivei-as a experimentar a técnica sem condicionar a forma como o faziam.

Durante a exploração desta forma de pintura as maiores dificuldades sentidas pelas crianças prenderam-se com a posição em que deveriam colocar a palhinha para soprar. Estas conseguiram compreender que se colocassem a palhinha perpendicularmente à tinta esta não se iria espalhar ou mesmo que o fizesse seria muito pouco. As crianças perceberam que deveriam inclinar a palhinha e soprar “de lado” para que assim a tinta se espalhasse mais facilmente.

Terminada a exploração da pintura por parte de todas as crianças, foram recortadas algumas manchas de tinta que foram coladas numa cartolina preta para destacar o resultado final. Posto isto, cada uma das crianças colou uns olhinhos no seu monstro e

desenhou uma boca ao seu monstro.

Nesta atividade destaco o facto de todas as crianças do grupo manifestaram interesse em participar da mesma e o facto de os resultados serem bastante originais e distintos.

Planificação das Atividades

Data: 23.10.2017

Sessão de Educação Física

Ideias de partida:

. As sessões de educação física são sempre muito bem recebidas pelas crianças. Desta forma, pretendo com esta sessão explorar a realização de vários movimentos corporais que são muito importantes para o seu desenvolvimento.

Materiais:

. Arcos
. Cordas
. Bolas
. Pins
. Pandeireta

Áreas de Conteúdo e Domínios

. Área de expressão e comunicação – Domínio da Educação Física

Intencionalidades Educativas

. Promover a cooperação entre crianças em situações de jogo, seguindo orientações ou regras.
. Desenvolver o domínio de movimentos que implicam deslocamentos e equilíbrios como: correr, saltitar, saltar a pés juntos ou num só pé, saltar sobre obstáculos, rastejar e rolar.

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

. O educador dá início à sessão dando indicações às crianças acerca dos sinais que

serão utilizados durante a mesma.

. Posto isto, o educador pede às crianças que façam uma roda e pede-lhes que sigam os seus movimentos enquanto este canta:

Canção do Jogo da Pipoca:

Uma pipoca saltava na panela

E logo outra se veio juntar

Dali a nada tremendo o falatório

E nunca mais ninguém se entendeu!

É um tal de poc (salta-se uma vez para a frente)

E poc poc poc (salta-se três vezes para trás)

E poc poc poc (salta-se três vezes para o a frente)

E poc poc poc (salta-se três vezes para o lado direito)

E poc poc poc (salta-se três vezes para o lado esquerdo).

. Depois de explorada a canção do jogo da pipoca o educador pede às crianças que se sentem no chão e este exemplifica o que terão de fazer nos exercícios do percurso que se segue:

- Saltar dentro dos arcos a pés juntos;
- Andar por cima de uma corda;
- Saltar dentro dos arcos com pés alternados;
- Lançar uma bola por dentro do arco;
- Rolar sobre si próprio no colchão;
- Rastejar pelo túnel.

. A realização deste percurso pressupõe que as crianças o repitam algumas vezes.

. Terminado o percurso, o educador solicita às crianças que façam uma roda e, se sentem no chão. Este lança uma bola para dentro da roda e as crianças trocam a bola entre si, rolando pelo chão. O educador vai introduzindo até 3 bolas e as crianças devem evitar que estas toquem umas nas outras.

. Dando continuidade ao jogo anterior, o educador e as crianças permanecem sentadas no chão. Neste momento, o educador conclui a sessão, questionando as crianças sobre a sua opinião sobre a mesma: i) o que gostaram mais; ii) o que não gostaram tanto; iii) o que foi mais desafiante; iv) o que foi mais fácil; entre outros aspetos.

. Para terminar, o educador solicita que as crianças o ajudem a arrumar o material utilizado na sessão.

Indicadores de avaliação:**Seguimento:**

. Saltar a pés juntos.

. É realizado o registo fotográfico da atividade.

. Saltar a pés alternados.

. Andar por cima de diferentes superfícies.

. Lançar uma bola.

. Rolar sobre si próprio.

. Rastejar pelo túnel.

Avaliação/reflexão das atividades**Data: 28.10.2017**

Esta foi a primeira sessão de educação física do grupo e correu muito bem. O grupo aderiu muito bem à sessão e demonstrou bastante interesse e entusiasmo em participar em todas as tarefas propostas.

Como forma de iniciar esta sessão pedi às crianças que se reunissem em roda para fazermos o jogo da pipoca. Posto isto, apresentei-lhes a canção, os movimentos que a acompanham e só depois pedi que se me fizessem comigo. Se inicialmente as crianças não acompanharam logo os movimentos e não conseguiam cantar a canção, algumas repetições depois algumas crianças já o conseguiam fazer razoavelmente bem. Estas apresentaram nesta tarefa algumas dificuldades em cantar e realizar os movimentos simultaneamente, e outras optaram por se focar nos movimentos ou na canção, mas de forma geral corresponderam ao que era suposto.

Terminado este jogo e aproveitando a roda explicitiei às crianças algumas das regras e dos sinais a utilizar para a troca de exercícios a realizar a seguir. Depois de estas terem confirmado que os compreenderam pedi-lhes que se agrupassem, mas a

educadora sugeriu que se encostassem a uma das paredes para que todas conseguissem ver melhor a demonstração dos exercícios seguintes. Para realizar a demonstração eu realizei a maioria dos exercícios, noutros pedi o auxílio de uma criança.

Esta segunda tarefa consistia num percurso com vários exercícios e para que conseguisse dar apoio às várias crianças do grupo contei com o apoio da auxiliar da sala e da educadora cooperante. Assim, cada uma de nós fixou responsável por auxiliar as crianças em determinado exercício.

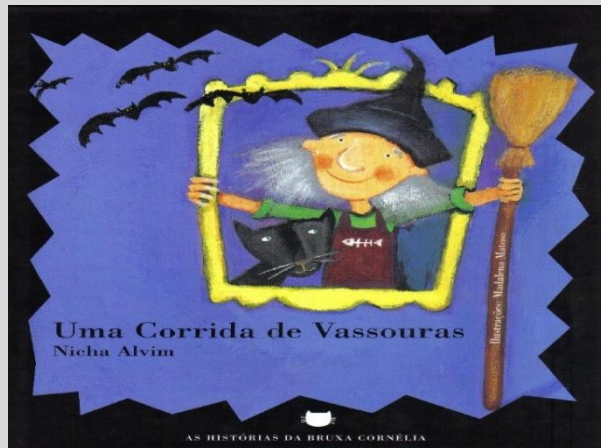
Importa referir que neste percurso nem todas as crianças conseguiram realizar todos os desafios da forma considerada correta, mas que todas o tentaram. As maiores dificuldades sentidas por estas tiveram que ver com um dos exercícios dos arcos em que deveriam saltar a pés alternados. Neste a maior parte das crianças fê-lo a andar sem conseguir saltar ou então saltou um dos arcos de cada vez e não alternando os pés. Nos restantes exercícios e de uma forma geral, as crianças conseguiram realizar o que lhes foi pedido.

Depois de as crianças terem explorado algumas vezes os vários exercícios pedi ao grupo que se voltasse novamente a reunir em roda, mas desta vez pedi-lhes que se sentassem no chão. Seguidamente, expliquei as instruções do jogo da bola e dei início ao mesmo. As crianças demonstraram muito interesse neste jogo e rapidamente perceberam quais as suas regras. A única dificuldade que senti neste jogo foi ao tentar conter um pouco as crianças. Estas queriam tanto a bola que por vezes deixavam a sua posição de sentadas e colocavam-se de joelhos para intercetarem a bola antes que esta chegasse a um dos seus colegas do lado.

Como forma de terminar a sessão e realizar um balanço final sobre a mesma pedi às crianças que fossem passando uma bola entre si, e que uma a uma fossem dando a sua opinião sobre a sessão e escolhessem o exercício de que tinham gostado mais. Nesta altura todas as crianças esperaram pela sua vez ouvindo o outro e participaram de forma pertinente quando solicitadas.

Tendo em conta o supracitado e o facto de depois da sessão várias crianças questionarem quando a iríamos repetir penso que este é um dos melhores indicadores para concluir que a sessão correu muito bem.

Uma corrida de vassouras



Ideias de partida:

. Na última semana algumas das crianças do grupo demonstraram bastante interesse em realizar atividades sobre o dia das bruxas. Desta forma, esta história, que se baseia em duas primas bruxas e que tem por base locais da cidade de Lisboa é uma forma de corresponder aos interesses das crianças ao mesmo tempo que aborda o conceito de espaço quando lhes desperta a atenção para locais da capital que possivelmente já visitaram.

Materiais:

. Livro *Uma corrida de vassouras* de Nicha Alvim

Áreas de Conteúdo e Domínios

. Área de expressão e comunicação – Domínio da linguagem oral e abordagem à

Intencionalidades Educativas

. Promover capacidades de comunicação.
. Promover o gosto pela leitura de

escrita; Prazer e motivação para ler e histórias.
escrever.

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

- . O educador de infância deve preparar previamente a leitura deste livro, bem como todos os materiais necessários para a leitura do mesmo.
- . Como forma de iniciar a atividade o educador de infância deverá solicitar a todas as crianças que se disponham em roda e sentadas no tapete.
- . Posto isto, o educador de infância sentar-se-á junto das crianças de forma que todas o consigam ver e procederá à contagem da história. Este deverá manter o grupo envolvido nomeadamente através da expressividade da sua voz e até do seu corpo.
- . Terminado o conto da história o educador de infância ouvirá as opiniões das crianças e colocar-lhes-á algumas questões sobre a mesma.

Indicadores de avaliação:

Seguimento:

- | | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none">. Participa do momento de leitura da história, ouvindo-a e prestando atenção.. Comunica, dando a sua opinião sobre a história.. Intervém de forma pertinente. | <ul style="list-style-type: none">. É realizado o registo fotográfico da atividade. |
|---|---|

Avaliação/reflexão das atividades

Data: 04.11.2017

De um modo geral, posso afirmar que esta atividade correu bem, na medida em que o grupo esteve atento e interessado durante o conto da história.

Para a realização desta atividade de leitura ao invés de me sentar no chão junto das crianças optei por me sentar numa cadeira como já tinha feito anteriormente. Decidi utilizar esta estratégia novamente, uma vez que das últimas vezes que me sentei no chão junto das mesmas, estas aperceberam-se que quem ficava ao meu lado conseguia visualizar as imagens do livro antes dos restantes colegas. As crianças começaram a disputar estes lugares e como forma de evitar este conflito decidi sentar-me numa cadeira junto do grupo o que de certa forma até facilita a visualização das imagens por

parte das crianças.

No que se refere ao conto da história, continuei a utilizar objetivos de escuta como forma de captar a sua atenção. Esta estratégia continua a resultar uma vez que as crianças querem responder acertadamente e para tal até estão mais atentas à história.

Relativamente a esta história saliento ainda o facto de nela serem citados locais da cidade de Lisboa para os quais chamei à atenção das crianças sendo que alguns deles foram reconhecidos pelas mesmas.

Planificação das Atividades

Data: 30.10.2017

Sessão de Educação Física

Ideias de partida:

. Tendo em conta a forma como este grupo de crianças reagiu à sessão dinamizada na semana passada, a realização de outras sessões é muito pertinente. Desta forma, pretendo com esta sessão continuar a explorar a realização de vários movimentos corporais que são muito importantes para o desenvolvimento das crianças.

Materiais:

. Arcos
. Bolas
. Pandeireta
. Coletes

Áreas de Conteúdo e Domínios

. Área de expressão e comunicação – Domínio da Educação Física

Intencionalidades Educativas

. Promover a cooperação entre crianças em situações de jogo, seguindo orientações ou regras.

. Desenvolver o domínio de movimentos

que implicam deslocamentos e equilíbrios
como: correr e saltar a pés juntos.

**Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das
crianças**

- . O educador dá início à sessão dando indicações às crianças acerca dos sinais que serão utilizados durante a mesma.
- . Posto isto, o educador pede às crianças que façam uma roda e pede-lhes que sigam os seus movimentos enquanto este canta:

Canção do Jogo da Pipoca:

Uma pipoca saltava na panela
E logo outra se veio juntar
Dali a nada tremendo o falatório
E nunca mais ninguém se entendeu!
É um tal de poc (salta-se uma vez para a frente)
E poc poc poc (salta-se três vezes para trás)
E poc poc poc (salta-se três vezes para o a frente)
E poc poc poc (salta-se três vezes para o lado direito)
E poc poc poc (salta-se três vezes para o lado esquerdo).

- . Depois de explorada a canção do jogo da pipoca o educador pede às crianças que se sentem no chão e este exemplifica o que terão de fazer no jogo que se segue.

Jogo do Rabo da Raposa

- . O educador escolhe uma criança, aleatoriamente, para iniciar o jogo como apanhador (*lobo*) e esta deve tentar apanhar o maior número de rabos das raposas (coletes coloridos pendurados na cintura das restantes crianças) que conseguirem. As crianças que estão a fugir do lobo devem fazê-lo dentro do espaço delimitado pelo educador. Aquelas a quem o lobo apanhar o rabo devem permanecer em estátua no lugar.
 - . O educador poderá introduzir uma variante no jogo, a partir deste momento, serão
-

duas crianças a fazer de lobo (apanhadores). As restantes regras mantêm-se.

. Terminado o jogo, o educador solicita às crianças que façam uma roda e, se sentem no chão. Este lança uma bola para dentro da roda e as crianças trocam a bola entre si, rolando pelo chão. O educador vai introduzindo até 3 bolas e as crianças devem evitar que estas toquem umas nas outras.

. Dando continuidade ao jogo anterior, o educador e as crianças permanecem sentadas no chão. Neste momento, o educador conclui a sessão, questionando as crianças sobre a sua opinião sobre a mesma: i) o que gostaram mais; ii) o que não gostaram tanto; iii) o que foi mais desafiante; iv) o que foi mais fácil; entre outros aspetos.

. Para terminar, o educador solicita que as crianças o ajudem a arrumar o material utilizado na sessão.

Indicadores de avaliação:

- . Saltar a pés juntos.
- . Lançar uma bola.
- . Participar e cumprir regras na concretização de um jogo.

Seguimento:

- . É realizado o registo fotográfico da atividade.

Avaliação/reflexão das atividades

Data: 01.11.2017

Para esta sessão de educação física optei por utilizar os mesmos jogos realizados na sessão anterior para o aquecimento e para o momento de retorno à calma. Fi-lo uma vez que, as crianças foram ao longo da semana anterior questionando-me quando os iríamos realizar novamente, e porque esta semana com as regras dos jogos já interiorizadas estas poderiam usufruir mais dos mesmos. Para a parte fundamental da sessão optei por realizar o jogo do rabo da raposa.

Assim, no que se refere à música da pipoca, nesta sessão as crianças foram capazes de cantar comigo e a realização dos movimentos a esta associados correu melhor. As

principais dificuldades sentidas pelas crianças ao executar esta coreografia prenderam-se com os conceitos de lado direito e lado esquerdo. Isto é, uma vez que esta coreografia é realizada em roda no momento em que é suposto que saltemos para o lado direito ou para o lado esquerdo as crianças que se encontram de frente para mim realizam os seus movimentos em espelho com os meus. Assim, quando era suposto que saltassem para o lado direito, saltam para o lado esquerdo e vice-versa. No entanto, tal não as impede de participarem e de se divertirem com a tarefa além de que considero que futuramente serão capazes de saltar para os lados corretos.

Relativamente ao jogo do rabo da raposa, uma vez que não dispunha de coletes para utilizar realizei uma adaptação ao jogo. Ao invés de roubar os lenços dos colegas estes apenas teriam de os apanhar. A partir do momento em que uma criança era apanhada pelo lobo tinha de permanecer em estátua no lugar e só podia ser salva se uma das outras raposas passasse por baixo das suas pernas para a descongelar.

Durante a realização deste jogo foram selecionadas várias crianças, de modo aleatório, para serem o lobo. Nas últimas vezes ao invés de apenas um lobo, e como forma de aumentar o grau de dificuldade do jogo, foram selecionados dois lobos simultaneamente.

Ao longo do jogo as crianças foram assimilando as suas regras e este passou a fluir cada vez melhor. As crianças começaram a respeitar o facto de terem sido apanhadas pelo lobo e não continuavam a fugir como aconteceu algumas vezes no início do jogo. A meu ver esta foi a maior dificuldade sentida pelas crianças e penso que não tenha que ver com o facto de não terem compreendido as regras, uma vez que depois de as explicar pedi às crianças que me repetissem quais eram e estas foram capazes, mas sim pela excitação com que realizavam a atividade.

Importa referir que sempre que quis interromper o jogo para dar novas indicações ou para escolher o novo lobo utilizei a pandeireta para sinalizar essa intenção e sempre que o fiz as crianças respeitaram esse momento.

Tal como supracitado, como forma de retornar à calma realizámos novamente o jogo das bolas que fui novamente muito bem recebido pelas crianças. Nesta sessão estas foram capazes de trocar entre si as três bolas sem que chocassem durante mais tempo do que na sessão anterior. Uma vez que já conheciam as regras do jogo,

relembradas por algumas crianças no início do mesmo, as crianças permaneceram mais tranquilas e foram trocando as bolas entre si com mais concentração do que na sessão anterior.

A maior dificuldade sentida pelas crianças prendeu-se com o lançamento das bolas. Algumas delas faziam-no com muita força e outras com pressa para lançarem a bola aos seus colegas não lançavam pelo chão, mas quase que a lançavam como se fossem realizar um passe picado. A criança que demonstrou mais dificuldades neste aspeto foi o T.N. que quase lançava a bola pelo ar ou então segurava-a permanecendo com ela nas mãos, o que quebrava o ritmo do jogo. Só depois de chamado à atenção o T.N. lançava novamente a bola aos colegas.

Em jeito de conclusão e tendo em conta tudo o supracitado, posso afirmar que esta sessão correu muito bem.

Planificação das Atividades

Data: 11.2017

Pesquisa em livros e na Internet

Ideias de partida:

. Esta é uma das principais formas de as crianças descobrirem respostas para as questões que colocarem.

Materiais:

. Livros
. Computador com acesso à Internet

Áreas de Conteúdo e Domínios

. Área de expressão e comunicação – Domínio da Linguagem oral e Abordagem à escrita.
. Área de Formação Pessoal e Social.
. Área do Conhecimento do Mundo.

Intencionalidades Educativas

. Promover a utilização de diferentes materiais de expressão.
. Promover o desenvolvimento de capacidades de expressão e comunicação.
. Promover a interação e o trabalho colaborativo entre crianças.
. Fomentar o desenvolvimento de hábitos

de vida saudáveis.

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

- . Sendo a primeira atividade de pesquisa do grupo o educador deve explicitar às crianças o objetivo da pesquisa.
 - . Durante a pesquisa deve ajudá-las a interpretar o que encontram e levá-las a discutir entre si o que descobriram com a pesquisa.
 - . Como forma de apoiar mais eficazmente as crianças, o educador deve dinamizar estes momentos em pequenos grupos.
-

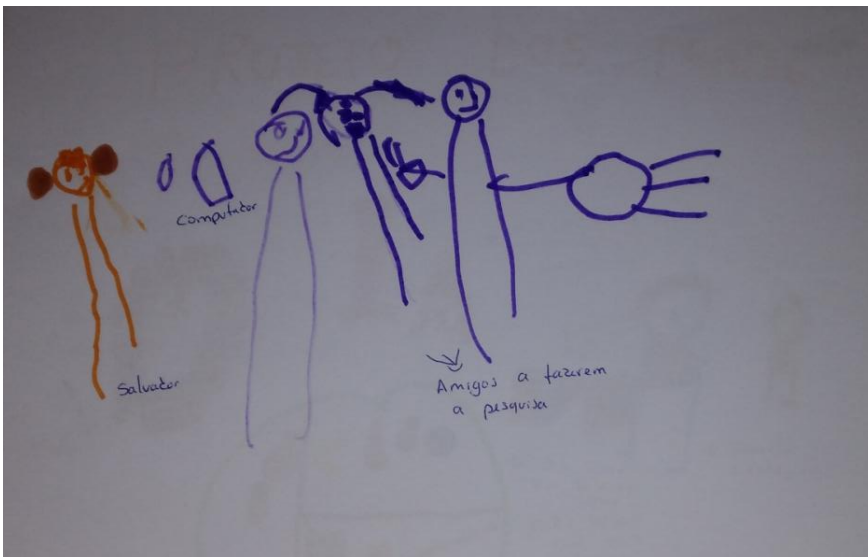
Indicadores de avaliação:

- . Cooperar com os colegas na realização da pesquisa.
 - . Partilha e discute ideias com os seus colegas.
-

Instrumentos de avaliação:

- . Notas de campo
 - . Fotografias
 - . Registos de observação
-

Registo da atividade



Planificação das Atividades

Data: 06.11.2017

Sessão de Educação Física

Ideias de partida:

. No seguimento da letra do livro *Depressa, Devagar* nesta sessão serão explorados vários movimentos num ritmo mais rápido ou mais lento.

Materiais:

. Livro *Depressa, Devagar* de Isabel Minhós e Bernardo Martins Carvalho
. Arcos
. Pandeireta

Áreas de Conteúdo e Domínios

. Área de expressão e comunicação –
Domínio da Educação Física

Intencionalidades Educativas

. Promover a cooperação entre crianças em situações de jogo, seguindo orientações ou regras.

. Desenvolver o domínio de movimentos que implicam deslocamentos e equilíbrios como: correr e saltar a pés juntos.

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

. O educador dá início à sessão dando indicações às crianças acerca dos sinais que serão utilizados durante a mesma.

. Posto isto, o educador pede às crianças que se espalhem pelo espaço e vai dando indicações às crianças indicações sobre a forma e o ritmo como devem movimentar-se pelo espaço.

. Exemplo: -“Agora vamos andar pelo espaço muito devagar como se estivéssemos muito cansados.”; - “Agora vamos começar a andar mais rápido porque estamos a ficar atrasados para a escola”.

. Depois de explorados vários movimentos a diferentes ritmos, o educador solicita às crianças que estas se sentem no chão e explica o jogo que se segue.

Jogo dos peixinhos

. O jogo inicia-se com duas crianças de mãos dadas a fazerem de rede e com as restantes crianças a fazerem de peixinhos. As crianças que fazem de rede devem

escolher um número até 15 e não o devem revelar aos colegas. Seguidamente, estes iniciam a contagem com os braços para cima enquanto as crianças que fazem de peixes circulam pelo espaço e vão passando por baixo dos braços dos colegas.

. Quando as crianças a fazerem de rede atingem na contagem o número escolhido devem baixar os braços capturando os colegas que aí se encontrem nesse momento. Os peixes que forem apanhados pela rede devem juntar-se à mesma e depois voltam novamente a escolher outro número para reiniciarem a contagem.

. O jogo termina quando só restar um peixe a ser apanhado pela rede.

. Terminado o jogo, o educador solicita às crianças que mais uma vez sigam os seus movimentos para que seja realizado o retorno à calma.

. Para finalizar, o educador pede às crianças que se sentem chão. Neste momento, o educador conclui a sessão, questionando as crianças sobre a sua opinião sobre a mesma: i) o que gostaram mais; ii) o que não gostaram tanto; iii) o que foi mais desafiante; iv) o que foi mais fácil; entre outros aspetos.

. Para terminar, o educador solicita que as crianças o ajudem a arrumar o material utilizado na sessão.

Indicadores de avaliação:

. Participa e cumpre regras na concretização de um jogo.

Seguimento:

. É realizado o registo fotográfico da atividade.

Avaliação/reflexão das atividades**Data: 11.11.2017**

Esta sessão de expressão motora correu bem. As crianças demonstraram-se muito interessadas e entusiasmadas participar. O facto de ter recorrido ao conto da história *Depressa, Devagar* de Isabel Minhós e Bernardo Martins Carvalho cativou a atenção

das crianças. Estas ficaram intrigadas com a forma como a história poderia estar relacionada com a sessão de educação física. No entanto, tendo em conta o seu interesse questionei-as sobre a forma como o poderíamos fazer, ao que estas me reponderam que poderíamos correr depressa ou andar devagar. Tais afirmações demonstram que as crianças compreenderam a história, bem como o objetivo de um dos exercícios da sessão.

Posto isto, o primeiro exercício da sessão que consistiu em representar mimicamente os vários momentos de uma rotina diária correu muito bem. Estes momentos foram realizados num ritmo mais acelerado ou num ritmo mais lentos, tal como acontecia na história narrada.

Seguidamente, foi realizado o jogo dos peixinhos, sendo que se inicialmente as crianças tiveram algumas dúvidas quanto às regras do mesmo, depois de algumas jogadas compreenderam o objetivo do jogo e este correu da melhor forma. Neste jogo destaco o facto de as crianças que fizeram de peixe terem respeitado os seus colegas que faziam de rede e não terem tentado ouvir o número combinado por estes de forma a ganharem o jogo.

Como forma de retornar à calma pedi às crianças que mais uma vez seguissem as minhas indicações quanto à forma como se deveriam mover, sendo que nesta altura os movimentos realizados também tiveram que ver com os momentos da rotina, mas com o final do dia.

Para terminar a sessão, solicitei às crianças que se encontravam deitadas no chão a simular que dormiam no final do seu dia, que se sentassem e pedi que passassem entre eles “a luz de uma estrelinha” à qual contaram o que gostaram mais nesta sessão.

Em jeito de conclusão, posso mais uma vez afirmar que esta sessão correu bem e que a maior dificuldade sentida pelas crianças, compreensão do objetivo do jogo, foi rapidamente ultrapassada.

Planificação das Atividades

Data: 13.11.2017

Ideias de partida:	Materiais:
.Como tem vindo a acontecer à segunda-feira esta é mais uma sessão de educação física a dinamizar junto de um grupo que já a tornou como rotina semanal.	. Arcos . Maracas . Pandeireta . Banco sueco . Pins . Colchões
Áreas de Conteúdo e Domínios	Intencionalidades Educativas
. <u>Área de expressão e comunicação</u> – Domínio da Educação Física	. Desenvolver o domínio de movimentos que implicam deslocamentos e equilíbrios como: correr, saltar a pés juntos, rastejar, rolar sobre si próprio e andar em superfícies mais elevadas.
Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças	
. O educador dá início à sessão dando indicações às crianças acerca dos sinais que serão utilizados durante a mesma.	
. Posto isto, o educador pede às crianças que se espalhem pelo espaço e segundo vários estímulos auditivos vai dando indicações sobre a forma como estas devem movimentar-se pelo espaço.	
. <u>Exemplo:</u> - Quando ouvem a pandeireta devem correr e quando ouvem as maracas devem saltar a pés juntos.	
. Depois de explorados vários movimentos, o educador solicita às crianças que estas se sentem no chão e explica os exercícios que se seguem.	
. Neste momento o educador exemplifica o que terão de fazer nos exercícios do	

percurso que se segue:

- Saltar dentro dos arcos a pés juntos;
- Andar por cima de um banco sueco;
- Rolar sobre si próprio no colchão;
- Rastejar até aos obstáculos;
- Contornar obstáculos;
- Rastejar por cima do banco sueco.

. A realização deste percurso pressupõe que as crianças o repitam algumas vezes.

. Terminado o percurso por estações, o educador solicita às crianças que mais uma vez sigam os seus movimentos para que seja realizado o retorno à calma.

. Para finalizar, o educador pede às crianças que se sentem chão. Neste momento, o educador conclui a sessão, questionando as crianças sobre a sua opinião sobre a mesma: i) o que gostaram mais; ii) o que não gostaram tanto; iii) o que foi mais desafiante; iv) o que foi mais fácil; entre outros aspetos.

. Para terminar, o educador solicita que as crianças o ajudem a arrumar o material utilizado na sessão.

Indicadores de avaliação:

- . Saltar a pés juntos.
- . Andar por cima de diferentes superfícies.
- . Rolar sobre si próprio.
- . Rastejar.
- . Associar um estímulo auditivo a um movimento.

Seguimento:

- . É realizado o registo fotográfico da atividade.

Esta sessão de educação física correu bem. Tal como tem sido habitual as crianças já esperam que na segunda-feira a mesma seja dinamizada e questionam-me sobre tal.

Nesta sessão não foram realizados jogos, uma vez que esta consistiu num percurso com diversos desafios. A primeira sessão de educação física que dinamizei foi semelhante a esta e comparando-as é possível verificar uma evolução das crianças. Quero com isto dizer, que tanto na forma como corresponderam ao que lhes foi pedido como na superação de alguns desafios é possível verificar a sua evolução.

Se anteriormente as crianças tinham algumas dificuldades em esperar pela sua vez e em alguns dos desafios apenas queriam avançar e não se preocupavam com a forma como os realizavam, desta vez tal não aconteceu. É de esperar que nem sempre os desafios tenham sido realizados da forma idélica, mas tal teve que ver com as capacidades de cada uma das crianças e não com a sua distração.

Outra das evoluções a destacar é o facto de neste momento todas as crianças serem capazes de saltar a pés juntos. Anteriormente existiam algumas crianças no grupo que não o conseguiam fazer e neste momento todas o conseguem fazer.

Importa destacar que as maiores dificuldades do grupo se prendem com a realização de movimentos que exijam a coordenação de todo o seu corpo, como o rolar sobre si próprio ou o rastejar. Estes são exercícios que exigem movimentos pouco usuais e foram aqueles que as crianças demonstraram dominar não tão eficientemente.

Um aspeto positivo e que destaco também nesta sessão tem que ver com a parte final da mesma e o momento de reflexão. Também neste momento é possível verificar a evolução das crianças. Se antes estas demonstravam algumas dificuldades em esperar pela sua vez para falar e nem sempre respeitavam o momento do outro, agora estas ouvem os seus colegas e esperam pela sua vez sem que os interrompam.

Em jeito de conclusão, posso mais uma vez afirmar que esta sessão correu bem e permitiu verificar a evolução das crianças em mais do que um sentido.

Moldagem dos vários tipos de dentes

Ideias de partida:

. Para verificar que existem vários tipos de dentes, com formas e tamanhos diferentes, a moldagem dos mesmos é uma opção que permite constatar essas diferenças.

Materiais:

. Plasticina branca
. Folhas de papel colorido
. Cola
. Caneta de feltro preta
. Livro *O livro dos dentes* de Hugo Madeira

Áreas de Conteúdo e Domínios

. Área de expressão e comunicação – Domínio da Educação Artística; Domínio da Linguagem oral e Abordagem à escrita.
. Área de Formação Pessoal e Social.
. Área do Conhecimento do Mundo.

Intencionalidades Educativas

. Promover a utilização de diferentes materiais de expressão.
. Promover o desenvolvimento de capacidades de comunicação.
. Promover a interação e o trabalho colaborativo entre crianças.
. Fomentar o desenvolvimento de conhecimentos sobre os dentes.

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

. O educador de infância prepara e disponibiliza os materiais necessários à realização da atividade às crianças responsáveis pelo projeto. Este deve ter em conta que se alguma das restantes crianças do grande grupo queira participar, este deve dividi-las em pequenos grupos para que o apoio fornecido seja mais efetivo.

. Durante a realização da atividade, o educador deve confirmar que as imagens pelas quais as crianças e guiam para a moldagem dos dentes estão ao alcance de todas.

. Enquanto as crianças realizam as moldagens dos vários tipos de dentes, o educador pode ir questionando as crianças sobre o que estão a fazer e de que forma o pretendem fazer para que estas desenvolvam as suas capacidades de expressão e comunicação.

. Quando as crianças terminam a moldagem dos dentes, o educador deve questioná-las sobre as diferenças que encontraram nos vários dentes e através do livro descobrir o nome de cada um dos dentes que moldaram. Se as crianças assim o desejarem estas poderão também colar os dentes moldados numa folha ou cartolina e escrever o nome dos mesmos.

Indicadores de avaliação:

- . Molda a plasticina segundo a forma dos vários tipos de dentes.
- . Verbaliza as suas ações.
- . Partilha ideias com os seus colegas.
- . Identifica os vários tipos de dentes.
- . Enuncia as características de cada dente moldado.

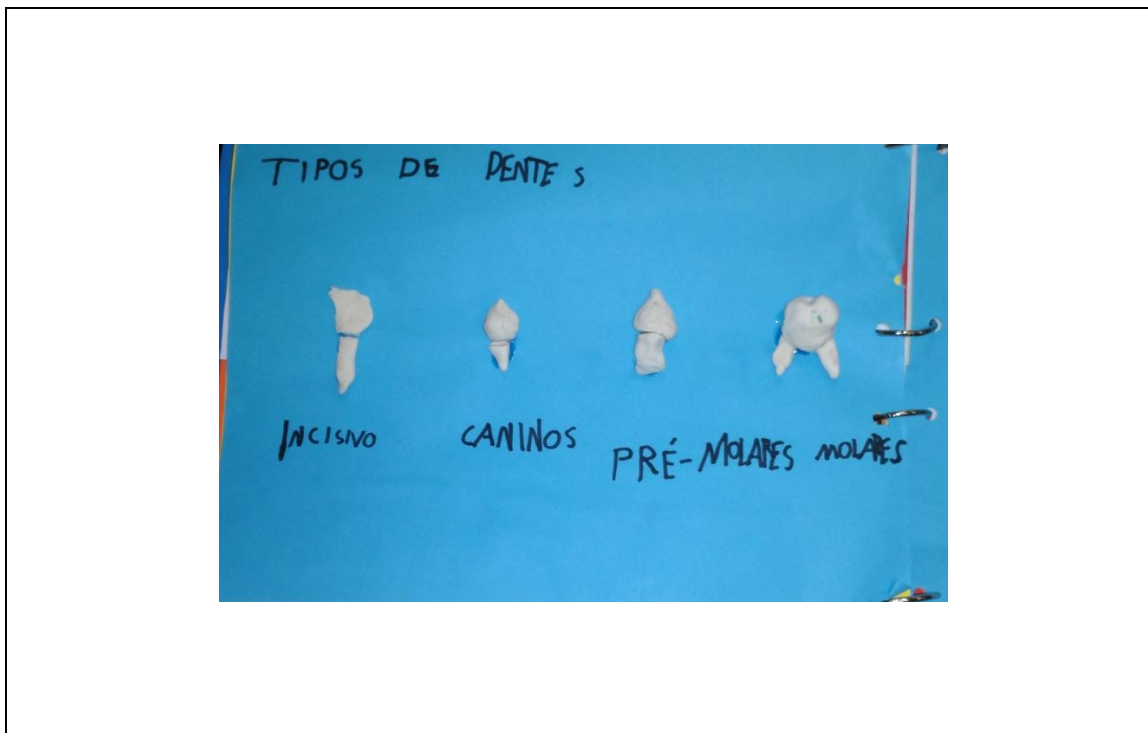
Instrumentos de avaliação:

- . Notas de campo
 - . Fotografias
 - . Registos de observação
-

Registos da atividade







Planificação das Atividades

Data: 20.11.2017

Sessão de Educação Física

Ideias de partida:

. Como tem vindo a acontecer à segunda-feira esta é mais uma sessão de educação física a dinamizar junto de um grupo que já a tornou como rotina semanal.

Materiais:

. Cordas
 . Arcos
 . Bolas

Áreas de Conteúdo e Domínios

. Área de expressão e comunicação – Domínio da Educação Física

Intencionalidades Educativas

. Promover a cooperação entre crianças em situações de jogo, seguindo orientações ou regras.
 . Desenvolver o domínio de movimentos

que implicam deslocamentos e equilíbrios como: correr realizando mudanças de direção variadas.

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

. O educador dá início à sessão dando indicações às crianças acerca dos sinais que serão utilizados durante a mesma.

. **Jogo Camaleão** – Para a realização deste jogo, o educador espalha previamente pelo ginásio objetos de várias cores que servirão de “lugar seguro” para cada uma das crianças.

. Como forma de iniciar o jogo, o educador deve pedir ao grupo que se espalhe pelo espaço e deve escolher uma criança que será o camaleão e deverá dizer o seguinte:

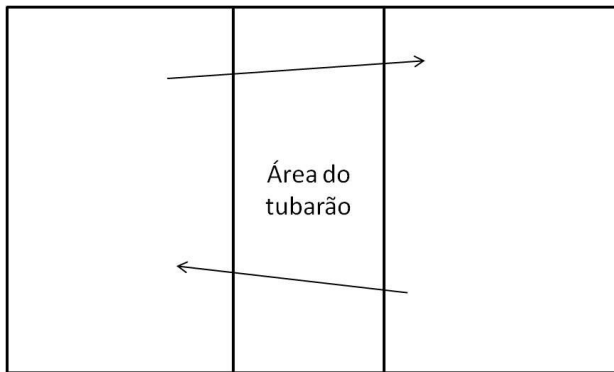
- Criança que faz de camaleão – “Camaleão, camaleão!”
- Restante grupo – “De que cor?”
- Criança que faz de camaleão – Nesta altura a criança deve escolher uma cor.

. Depois de escolhida a cor, a criança conta até cinco e de seguida começa a correr atrás dos seus amigos que não estão junto da cor. A criança que é apanhada passa neste momento a ser a criança a fazer de camaleão.

. Terminado o jogo o educador pede às crianças que o auxiliem a retirar os materiais do ginásio para que possa proceder à instrução do próximo jogo.

. **Jogo do Tubarão** – Uma das crianças fica no meio do campo, mas num espaço limitado e tem de tentar apanhar as restantes crianças que vão atravessando de um lado do campo para o outro como peixinhos. As crianças que são apanhadas tornam-se tubarões e juntam-se à criança que estava inicialmente a apanhar os colegas.

. O educador pode introduzir algumas variantes ao jogo como por exemplo iniciá-lo com duas crianças a apanhar e não apenas uma ou aumentando a área do campo pertencente à criança que faz de tubarão.



. Terminado o jogo, o educador solicita às crianças que façam uma roda e, se sentem no chão. Este lança uma bola para dentro da roda e as crianças trocam a bola entre si, rolando pelo chão. O educador vai introduzindo até 3 bolas e as crianças devem evitar que estas toquem umas nas outras.

. Dando continuidade ao jogo anterior, o educador e as crianças permanecem sentadas no chão. Neste momento, o educador conclui a sessão, questionando as crianças sobre a sua opinião sobre a mesma: i) o que gostaram mais; ii) o que não gostaram tanto; iii) o que foi mais desafiante; iv) o que foi mais fácil; entre outros aspetos.

. Para terminar, o educador solicita que as crianças o ajudem a arrumar o material utilizado na sessão.

Indicadores de avaliação:

Seguimento:

. Lançar uma bola.

. É realizado o registo fotográfico da

. Participar e cumprir regras na atividade.

concretização de um jogo.

. Correr realizando mudanças repentinas

de direção.

Esta sessão de educação física correu bem, no entanto existiram alguns momentos em que o grupo ficou demasiadamente excitado com os jogos novos o que levou à necessidade de pausa no momento de prática motora para que estes conseguissem retomar a atividade.

Estes momentos ocorreram durante a realização do jogo do tubarão no qual o principal objetivo do jogo era as crianças que faziam de peixinhos conseguirem atravessar a zona que pertencia ao tubarão. Nesta altura as crianças estavam tão entusiasmadas que quem estava a fazer de tubarão não se conseguia manter na sua área onde deveria apanhar os seus colegas e quem fazia de peixe quando apanhado não queria ficar retido na zona do tubarão.

Ainda assim, depois de ter interrompido o jogo, ter voltado a explica-lo e utilizando a sugestão da educadora cooperante para dividir o grupo em dois e jogar por duas vezes, o grupo correspondeu ao que lhe foi solicitado e o jogo decorreu com maior tranquilidade e a participação de todos.

Quanto ao jogo realizado no início da sessão para o aquecimento - Jogo do camaleão - foi interessante verificar que todas as crianças demonstraram conhecer as cores utilizadas para a atividade – vermelho, laranja, azul, verde.

No que diz respeito ao jogo dinamizado para o retorno à calma – Jogo das bolas - este já é conhecido pelas crianças de outras sessões por mim dinamizadas. Estas gostam muito do mesmo e foram elas a relembrar as regras que deveriam seguir. Neste jogo destaco o facto de nas primeiras vezes em que este jogo foi dinamizado as crianças terem tido algumas dificuldades em manipular as várias bolas em simultâneo que agora se verifica já não acontecer. Isto é, apesar de por vezes as bolas chocarem uma com a outra, o que não deve acontecer, as crianças demonstram ter uma maior capacidade de as trocar entre si sem que estas choquem, bem como de esperar pela sua vez e não se levantar do seu lugar na roda para alcançar a bola que está a chegar perto de si, mas vai na direção de outro colega.

Tabela dos tipos de dentes

Ideias de partida:	Materiais:
<p>. Como forma de sistematizar as informações encontradas sobre o número de dentes das crianças e dos adultos surge a criação desta tabela.</p>	<p>. Cartolina . Folha branca A3; . Canetas de feltro; . Lápis de carvão; . Lápis de cera . Cola . Livro <i>O Livro dos Dentes</i> de Hugo Madeira</p>
Áreas de Conteúdo e Domínios	Intencionalidades Educativas
<p>. <u>Área de expressão e comunicação</u> – Domínio da Linguagem oral e Abordagem à escrita; Domínio da matemática.</p> <p>. <u>Área de Formação Pessoal e Social.</u></p> <p>. <u>Área do Conhecimento do Mundo.</u></p>	<p>. Promover o desenvolvimento de capacidades de comunicação.</p> <p>. Promover a interação e o trabalho colaborativo entre crianças.</p> <p>. Fomentar o desenvolvimento de conhecimentos sobre os dentes.</p> <p>. Promover o desenvolvimento do sentido do número.</p>
Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças	
<p>. Para a realização desta atividade o educador deve em pequeno grupo conversar com as crianças sobre o que descobriram sobre o número de dentes dos adultos e das crianças consoante o tipo de dentes e apoiar-las na compilação da tabela.</p> <p>. Caso alguma criança tenha alguma dúvida sobre a forma como se preenche a tabela, o educador pode fazer um paralelismo entre esta e a tabela de presenças da sala.</p>	

. Como forma de garantir que a tabela pode ser interpretada por todas as crianças, o educador deve ter o cuidado de incentivar as crianças a realizarem dois tipos de representação numérica, um através do número e outro através de pontos.











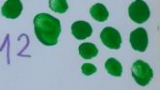


Indicadores de avaliação:

- . Coopera com os colegas na realização do cartaz.
 - . Explicita as suas ideias.
 - . Verbaliza as suas ações.
 - . Partilha ideias com os seus colegas.
 - . Realiza contagens.
 - . Identifica as dentações de crianças e adultos.
 - . Identifica os tipos de dentes.
-

Instrumentos de avaliação:

- . Notas de campo
 - . Fotografias
 - . Registos de observação
-

Registo da atividade

TIPOS DE DENTES	DENTIÇÃO DE LEITE	DENTIÇÃO DEFINITIVA
INCISIVOS 	8 	8 
CANINOS 	4 	4 
PRÉ-MOLARES 		8 
MOLARES 	8 	12 
TOTAL	 20	 32

Planificação das Atividades

Data: 22 a 28.11.2017

Construção de uma boca em 3D

Ideias de partida:

Materiais:

. A construção desta boca em 3D permite . Cartão

aprofundar os conhecimentos adquiridos . Tintas guache
até então sobre o número de dentes, o tipo . Pincéis
de dentes e a sua forma. Além disso, a . Garrafas de água plásticas
construção desta boca permite ainda que . Caixas de ovos
depois de terminada as crianças realizem a . Cola branca
escovagem dos dentes e a utilização do fio . Cola líquida
dentário. . Cola quente
. Outro aspeto importante é o facto de esta . Jornais
promover a reutilização de materiais pelas . Cartolinas
crianças.

Áreas de Conteúdo e Domínios	Intencionalidades Educativas
. <u>Área de expressão e comunicação</u> – Domínio da Educação Artística; Domínio da Linguagem oral e Abordagem à escrita; Domínio da matemática.	. Promover a utilização de diferentes materiais de expressão. . Promover o desenvolvimento de capacidades de comunicação.
. <u>Área de Formação Pessoal e Social.</u>	. Promover a interação e o trabalho colaborativo entre crianças.
. <u>Área do Conhecimento do Mundo.</u>	. Fomentar o desenvolvimento de conhecimentos sobre os dentes. . Promover o desenvolvimento do sentido do número.

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

. Previamente o educador deve questionar as crianças sobre o tipo de boca que gostariam de construir, boca de uma criança ou adulto, e a partir daí preparar os materiais necessários. Estes também devem ser escolhidos em conjunto com as crianças.

. Preparados todos os materiais necessários o educador deve, em pequenos grupos, auxiliar as crianças na construção da boca.

. Durante a atividade, o educador deve incentivar as crianças a verbalizarem as suas

ações e a cooperarem entre si quando necessário.

. Terminada a construção do boca o educador deve promover a sua exploração por parte das crianças.

Indicadores de avaliação:

- . Participa na construção da boca.
- . Verbaliza as suas ações.
- . Partilha ideias com os seus colegas.
- . Explora a boca construída.
- . Identifica os tipos de dentes.
- . Identifica características dos dentes.
- . Realiza contagens dos dentes.

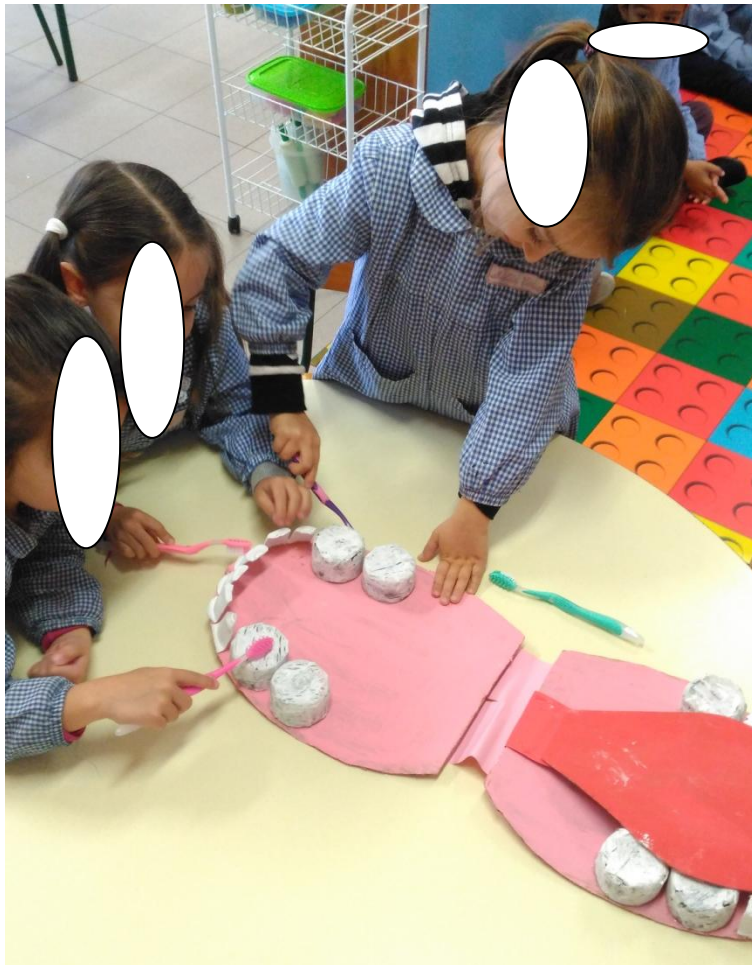
Instrumentos de avaliação:

- . Fotografias
 - . Notas de campo
 - . Registos de observação
-

Registo da atividade







Planificação das Atividades

Data: 23 a 30.11.2017

Livro do Projeto

Ideias de partida:

. Como forma de reunir a informação recolhida e divulgar o que foi descoberto pelas crianças surge a criação deste livro do projeto.

Materiais:

.Cartão
. Tintas
. Colas
. Argolas de metal
. Criações das crianças
. Prospetos de supermercado
. Tesouras
. Cola batom

Áreas de Conteúdo e Domínios

. Área de expressão e comunicação
Domínio da Educação Artística; Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita.
. Área de Formação Pessoal e Social.

Intencionalidades Educativas

. Promover a utilização de diferentes materiais de expressão.
. Promover o desenvolvimento de capacidades de comunicação.
. Promover a interação e o trabalho colaborativo entre crianças.

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

. O educador deve questionar as crianças sobre a forma como querem construir o livro do projeto, explicitando-lhes no que este consiste e a partir daí compilar os materiais necessários.
. Seguidamente, o educador e as crianças devem em conjunto construir o livro do projeto. Este deve ser um processo de partilha e tomada de decisões em conjunto.

Indicadores de avaliação:

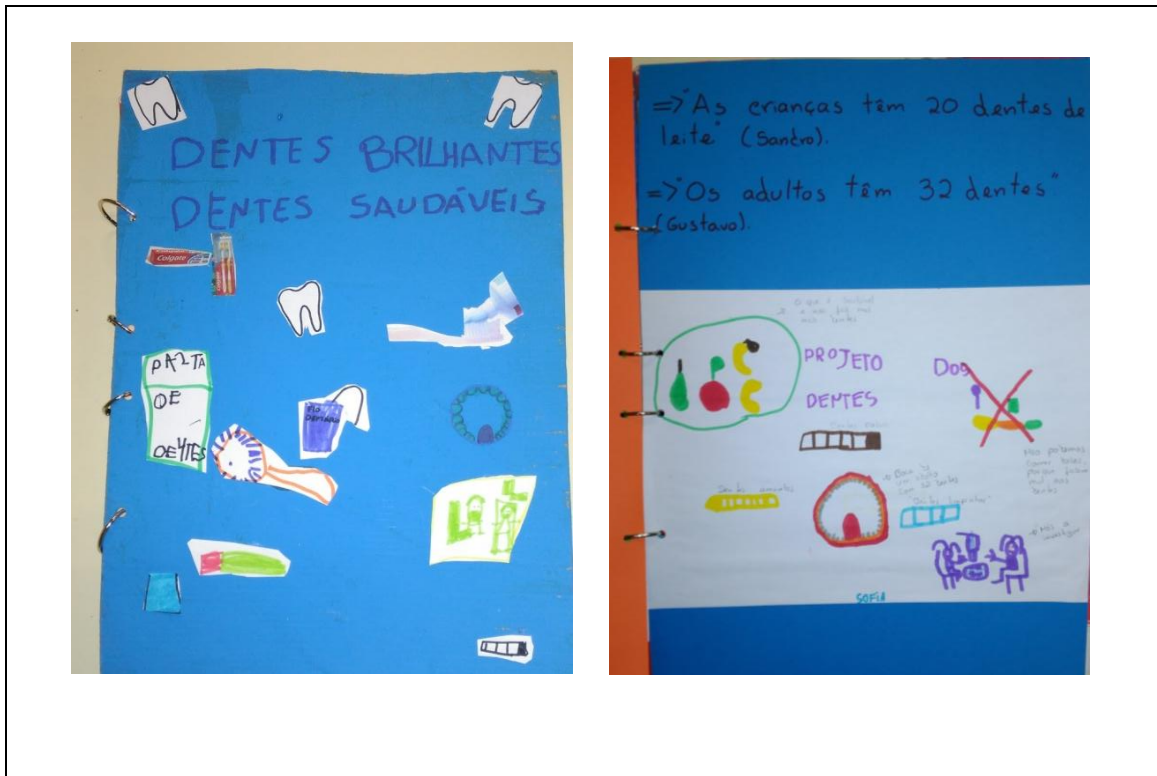
-
- . Participa na elaboração do livro.
 - . Verbaliza as suas ações.
 - . Partilha ideias com os seus colegas.
-

Instrumentos de avaliação:

- . Fotografias
 - . Notas de campo
 - . Registos de observação
-

Registo da atividade





Planificação das Atividades

Data: 27.11.2017

Sessão de Educação Física

Ideias de partida:

. A dinamização de sessões de educação física é sempre do interesse das crianças do grupo. Assim, esta é mais uma sessão em que são explorados vários tipos de movimentos que são importantes no desenvolvimento das suas capacidades motoras.

Materiais:

. Pins
 . Cordas
 . Colchões
 . Banco sueco
 . Bolas
 . Espaldar

Áreas de Conteúdo e Domínios

Intencionalidades Educativas

-
- . Área de expressão e comunicação – . Promover a cooperação entre crianças em situações de jogo, seguindo orientações ou regras.
- Domínio da Educação Física
- . Desenvolver o domínio de movimentos que implicam deslocamentos e equilíbrios como: correr, saltar, trepar,
-

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

- . O educador dá início à sessão dando indicações às crianças acerca dos sinais que serão utilizados durante a mesma e solicita-lhes que estas copiem os seus movimentos como forma de realizar o aquecimento.
- . Depois de explorados vários movimentos, o educador solicita às crianças que estas se sentem no chão e explica os exercícios que se seguem.
- . Neste momento o educador exemplifica o que terão de fazer nos exercícios do percurso que se segue:
- Contornar obstáculos;
 - Deslizar pelo banco sueco;
 - . Pontapear uma bola;
 - . Saltar a pé coxinho pelas cordas;
 - . Realizar um rolamento à frente;
 - . Trepar o espaldar;
 - . Deslocar-se lateralmente no espaldar e descer.
- . A realização deste percurso pressupõe que as crianças o repitam algumas vezes.
- . Terminado o percurso por estações, o educador solicita às crianças que mais uma vez sigam os seus movimentos para que seja realizado o retorno à calma.
-

. Neste momento, o educador conclui a sessão, questionando as crianças sobre a sua opinião sobre a mesma: i) o que gostaram mais; ii) o que não gostaram tanto; iii) o que foi mais desafiante; iv) o que foi mais fácil; entre outros aspetos.

. Para terminar, o educador solicita que as crianças o ajudem a arrumar o material utilizado na sessão.

Indicadores de avaliação:**Seguimento:**

. Contorna obstáculos.

. É realizado o registo fotográfico da atividade.

. Desliza no banco sueco.

. Pontapeia uma bola.

. Salta a pé coxinho.

. Realiza um rolamento à frente.

. Trepas o espaldar.

. Desloca-se lateralmente no espaldar.

Avaliação/reflexão das atividades**Data: 01.12.2017**

Esta sessão de educação física consistiu num percurso com vários exercícios, sendo que foram dinamizados pela primeira vez vários exercícios como por exemplo: o rolamento à frente; o trepar e deslocar-se lateralmente no espaldar; e o deslizar no banco sueco.

Esta sessão foi bem acolhida pelas crianças e apesar de alguns contratempos a nível do tempo de realização de cada um dos exercícios esta sessão acabou por correr bem.

No que se refere aos aspetos menos positivos, estes prenderam-se com o facto de ao planificar a sessão não ter distribuído da forma mais correta os vários exercícios do percurso para que as crianças não ficassem mais tempo do que seria suposto à espera para realizarem o exercício que se seguia.

Como forma de contornar esta situação a educadora cooperante sugeriu que dividíssemos o grupo em três e cada uma de nós, eu, a educadora e auxiliar, ficasse com um dos grupos. Inicialmente e ao planificar a sessão tinha desconsiderado esta

hipóteses, uma vez que, considerei que a forma como os exercícios do percurso estavam distribuídos fossem permitir a realização dos mesmos sem tempos de espera muito longos. No entanto, e tendo em conta que tal não aconteceu, acolhi a sugestão da educadora cooperante e assim, fomos rodando os pequenos grupos pelos vários exercícios do percurso.

Depois desta alteração, já não existiram tempos de espera o que permitiu que a sessão fluísse da melhor forma. Inclusive, penso que as crianças passaram a disfrutar mais de cada um dos exercícios pois detiveram mais apoio na realização dos mesmos.

Desta forma, importa também salientar que não só os novos exercícios cativaram as crianças, mas também os restantes foram bem acolhidos pelas mesmas. Tal foi possível de verificar durante a realização dos exercícios, mas também durante o momento final da sessão em que as crianças são questionadas sobre a mesma:

“Gostei muito de fazer a cambalhota!” (Nota de campo de 27.11.2017, ginásio)

“Gostei de fazer tudo! Mas gostei mais de saltar nas cordas!” (Nota de campo de 27.11.2017, ginásio)

Outro aspeto que importa referir foram as principais dificuldades sentidas pelas crianças durante a sessão. Estas prenderam-se principalmente com o saltar a pé coxinho entre as cordas, e o deslocar-se lateralmente no espaldar e foram observadas maioritariamente nas crianças mais novas do grupo. Além destes, na realização do rolamento à frente as crianças, no geral, tiveram também algumas dificuldades na sua realização, mas tal deve-se principalmente ao facto de a maior parte das crianças nunca o ter feito. Depois de lhes explicitar e exemplificar como este seria feito, apoiei cada uma das crianças individualmente corrigindo por vezes a sua postura e desta forma, com ou sem apoio, todas as crianças realizaram este exercício.

Em suma, e apesar dos contratempos existentes que acabaram por ser ultrapassados penso que esta sessão de educação física correu bem.

Planificação das Atividades

Data: 24 e 27.11.2017

Cartaz “Amigos e Inimigos dos Dentes”

Ideias de partida:	Materiais:
. Estes cartazes surgem como forma de sistematizar a informação recolhida e como recurso a utilizar na divulgação do projeto.	. Cartolina . Tesouras . Cola . Canetas de feltro . Lápis de cor . Folhas brancas . Panfletos de publicidade
Áreas de Conteúdo e Domínios	Intencionalidades Educativas
. <u>Área de expressão e comunicação</u> – Domínio da Educação Artística. . <u>Área de Formação Pessoal e Social.</u> . <u>Área do Conhecimento do Mundo.</u>	. Promover a utilização de diferentes materiais de expressão. . Promover o desenvolvimento de capacidades de expressão e comunicação. . Promover a interação e o trabalho colaborativo entre crianças. . Fomentar o desenvolvimento de hábitos de vida saudáveis.
Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças	
. O educador deve questionar as crianças sobre a forma como querem construir o livro do projeto, e a partir daí compilar os materiais necessários. . Durante a atividade o educador deve apoiar as crianças a definir os responsáveis pela sua elaboração, uma vez que estas não podem participar na atividade todas em simultâneo.	

Indicadores de avaliação:

- . Coopera com os colegas na realização do cartaz.
- . Explicita as suas ideias.
- . Verbaliza as suas ações.
- . Partilha ideias com os seus colegas.

Instrumentos de avaliação:

- . Notas de campo
 - . Fotografias
 - . Registos de observação
-

Registo da atividade

Planificação das Atividades

Data: 30.11.2017

Cartaz “O que precisamos para lavar os dentes”

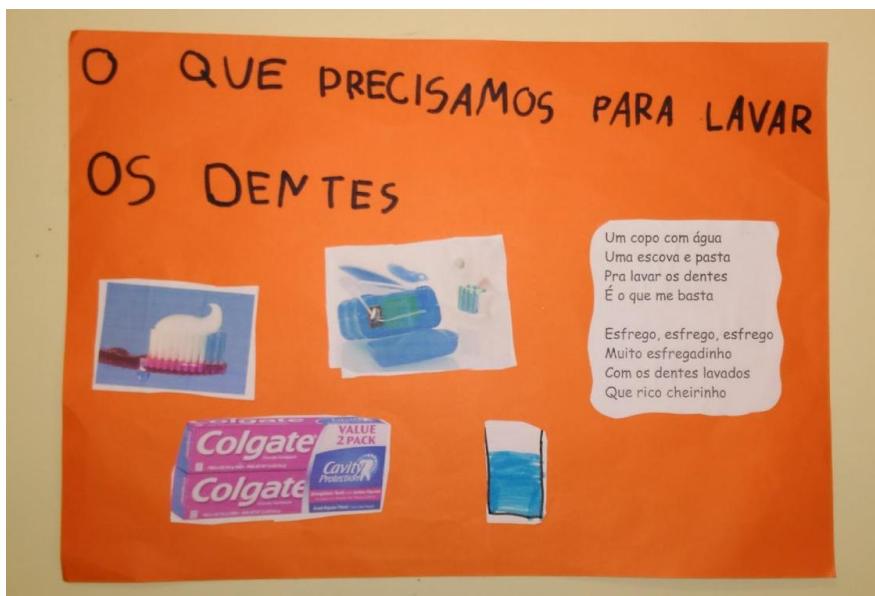
Ideias de partida:	Materiais:
<p>. Este cartaz surge como forma de divulgar o que é necessário para lavar corretamente os dentes.</p> <p>. É uma forma de compilar as informações descobertas pelas crianças.</p>	<p>. Cartolina</p> <p>. Tesouras</p> <p>. Cola</p> <p>. Canetas de feltro</p> <p>. Lápis de cor</p> <p>. Folhas brancas</p> <p>. Panfletos de publicidade</p>
Áreas de Conteúdo e Domínios	Intencionalidades Educativas
<p>. <u>Área de expressão e comunicação</u> – Domínio da Educação Artística; Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita</p> <p>. <u>Área de Formação Pessoal e Social.</u></p>	<p>. Promover a utilização de diferentes materiais de expressão.</p> <p>. Promover o desenvolvimento de capacidades de comunicação.</p> <p>. Promover a interação e o trabalho colaborativo entre crianças.</p> <p>. Fomentar o desenvolvimento de hábitos de higiene e de cuidados pessoais.</p>
Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças	
<p>. O educador deve questionar as crianças sobre a forma como querem construir o livro do projeto, e a partir daí compilar os materiais necessários.</p> <p>. Durante a atividade o educador deve apoiar as crianças a definir os responsáveis pela sua elaboração, uma vez que estas não podem participar na atividade todas em simultâneo.</p>	
Indicadores de avaliação:	

-
- . Coopera com os colegas na realização do cartaz.
 - . Explicita as suas ideias.
 - . Verbaliza as suas ações.
 - . Partilha ideias com os seus colegas.
-

Instrumentos de avaliação:

- . Notas de campo
 - . Fotografias
 - . Registos de observação
-

Registo da atividade



Ideias de partida:

Materiais:

. A dinamização de sessões de educação física é sempre do interesse das crianças do grupo. Assim, esta é mais uma sessão em que são explorados vários tipos de movimentos que são importantes no desenvolvimento das suas capacidades motoras.

. Arcos

Áreas de Conteúdo e Domínios

Intencionalidades Educativas

. Área de expressão e comunicação – Domínio da Educação Física

. Promover a cooperação entre crianças em situações de jogo, seguindo orientações ou regras.

. Desenvolver o domínio de movimentos que implicam equilíbrios como: correr realizando mudanças de direção variadas.

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

. O educador dá início à sessão dando indicações às crianças acerca dos sinais que serão utilizados durante a mesma.

. **Jogo Camaleão** – Para a realização deste jogo, o educador espalha previamente pelo ginásio objetos de várias cores que servirão de “lugar seguro” para cada uma das crianças.

. Como forma de iniciar o jogo, o educador deve pedir ao grupo que se espalhe pelo espaço e deve escolher uma criança que será o camaleão e deverá dizer o seguinte:

-
- Criança que faz de camaleão – “Camaleão, camaleão!”
 - Restante grupo – “De que cor?”
 - Criança que faz de camaleão – Nesta altura a criança deve escolher uma cor.

. Depois de escolhida a cor, a criança conta até cinco e de seguida começa a correr atrás dos seus amigos que não estão junto da cor. A criança que é apanhada passa neste momento a ser a criança a fazer de camaleão.

. Terminado o jogo o educador pede às crianças que o auxiliem a retirar os materiais do ginásio para que possa proceder à instrução do próximo jogo.

Jogo da Raposa

. O educador escolhe uma criança, aleatoriamente, para iniciar o jogo como apanhador (*lobo*) e esta deve tentar apanhar o maior número de raposas (restantes crianças) que conseguirem. As crianças que estão a fugir do lobo devem fazê-lo dentro do espaço delimitado pelo educador. Aquelas a quem o lobo apanhar o rabo devem permanecer em estátua no lugar. Para que as crianças que foram apanhadas possam voltar a jogo, quem não for apanhado deve passar por baixo das suas pernas.

. O educador poderá introduzir uma variante no jogo, a partir deste momento, serão duas crianças a fazer de lobo (apanhadores). As restantes regras mantêm-se.

. Terminado o jogo o educador pede às crianças que façam uma roda, dando as mãos, e entrega a uma das crianças um arco. Esta deverá passar por dentro do arco e passá-lo ao colega, mas sem soltar as mãos. Para conseguirem passar o arco entre si, as crianças devem ajudar-se uma às outras levantando ou baixando os braços ou ainda dobrando-se caso um dos colegas seja mais baixo. Quando todas as crianças já passaram por dentro do arco, o educador pede-lhes que se sentem e neste momentos, estas devem voltar a passar o arco entre si, mas desta vez sem passar pelo seu interior, e dizer o que mais ou menos gostaram de fazer na sessão e o porquê.

. Para terminar, o educador solicita que as crianças o ajudem a arrumar o material utilizado na sessão.

Indicadores de avaliação:

Seguimento:

. Cumpre as regras do jogo.

. É realizado o registo fotográfico da

. Corre realizando mudanças repentinas de direção.

atividade.

Avaliação/reflexão das atividades

Data: 08.12. .2017

Esta sessão de educação física consistiu na realização de dois jogos já conhecidos e realizados anteriormente pelas crianças. Decidi repetir a realização destes jogos, uma vez que, as crianças tinham pedido para voltarem a jogar aos mesmos, mas também porque considero importante repetir a sua realização como forma de consolidar as suas regras junto das crianças.

Esta foi uma sessão muito bem acolhida por todas as crianças à exceção da M. que se sente insegura em participar dos jogos. Tal tem que ver com o facto de esta criança ter medo de cair, caso seja empurrada de forma não intencional, nos momentos em que os seus colegas correm pelo espaço. Esta criança participa, mas se for com o apoio do adulto ou se por exemplo, no caso do jogo do camaleão, for esta a dizer as cores que os colegas devem encontrar e correndo depois atrás dos que não encontraram a cor por esta verbalizada. Desta forma, a M. participa, mas garante na sua perspetiva que fica fora dos momentos que lhe causam desconforto. No entanto, importa referir que apesar de reticente em participar destes momentos, esta criança demonstra gostar de observar os seus colegas jogarem:

“Gostei de ver os meninos jogarem o jogo das cores”. (Nota de campo de 04.12.2017, ginásio).

A principal dificuldade sentida pelas crianças nesta sessão prendeu-se tal como já

aconteceu anteriormente com alguma dificuldade em controlar a sua excitação por estarem num espaço como o ginásio a jogarem todos juntos. Estas têm desta foram algumas dificuldades em cumprir as regras do jogo, apesar de as conhecerem bem, e em cumprirem o objetivo do jogo, pois estão tão empenhadas em não ser apanhadas pelos colegas, no caso do jogo da raposa, que deixa estes aspetos de lado.

Como forma de contornar esta dificuldade, intervim pedindo às crianças que voltassem a repetir as regras e o objetivo do jogo e fazendo-as ver que se não cumprissem as regras poderiam magoar-se a eles e aos colegas. Depois desta chamada de atenção, a sessão decorreu sem incidentes e as crianças conseguiram até desfrutar mais dos jogos em que estavam a participar.

*“Temos de fugir do lobo e quando somos apanhados ficamos em estátua.”
(Nota de campo de 04.12.2017, ginásio)*

“Para salvar o amigo passamos por baixo das pernas dele e temos de entrar por trás!” (Nota de campo de 04.12.2017, ginásio)

Para concluir a sessão foi realizado um desafio em grande grupo com um arco. Inicialmente pensei que as crianças fossem sentir algumas dificuldades em realizar este desafio, mas tal não aconteceu. Estas conseguiram rapidamente perceber a forma como deveriam vencer o desafio e realizaram-no sem dificuldades.

Em suma, posso afirmar que esta sessão correu bem e que permitiu verificar que as crianças já têm consolidadas as regras e objetivos dos jogos dinamizados. Além disso, as crianças demonstraram também compreender que o jogo só correria bem se cooperassem umas com as outras.

Planificação das Atividades

Data: 08.01.2018

Ideias de partida:

. A dinamização de sessões de educação física é sempre do interesse das crianças do grupo. Assim, esta é mais uma sessão em que são explorados vários tipos de movimentos que são importantes no desenvolvimento das suas capacidades motoras.

Materiais:

. Arcos
. Pandeireta
. Rádio com leitor de CD's

Áreas de Conteúdo e Domínios

. Área de expressão e comunicação –
Domínio da Educação Física

Intencionalidades Educativas

. Promover a cooperação entre crianças em situações de jogo, seguindo orientações ou regras.

. Associar um estímulo auditivo a um movimento.

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

. O educador dá início à sessão dando indicações às crianças acerca dos sinais que serão utilizados durante a mesma.

. Posto isto, o educador pede às crianças que se espalhem pelo espaço e segundo vários estímulos auditivos vai dando indicações sobre a forma como estas devem movimentar-se pelo espaço.

. Exemplo: - Quando ouvem a pandeireta devem correr e quando ouvem as maracas devem saltar a pés juntos.

. Depois de explorados vários movimentos, o educador solicita às crianças que estas se

sentem no chão e explica os exercícios que se seguem.

. Jogo dos arcos

. O educador espalha vários arcos pelo chão e as crianças devem movimentar-se à volta destes, mas sem entrar os mesmos enquanto ouvem uma música. Quando a música para as crianças devem dirigir-se para dentro dos arcos e sentar-se. Uma vez que existem menos arcos do que crianças, existem sempre algumas que ficam sem arco. Assim, o principal objetivo do jogo é conseguir um arco quando a música para.

. Terminado o jogo o educador pede às crianças que façam uma roda, dando as mãos, e entrega a uma das crianças um arco. Esta deverá passar por dentro do arco e passá-lo ao colega, mas sem soltar as mãos. Para conseguirem passar o arco entre si, as crianças devem ajudar-se uma às outras levantando ou baixando os braços ou ainda dobrando-se caso um dos colegas seja mais baixo. Quando todas as crianças já passaram por dentro do arco, o educador pede-lhes que se sentem e neste momento, estas partilham com os colegas o que mais ou menos gostaram de fazer na sessão e o porquê.

. Para terminar, o educador solicita que as crianças o ajudem a arrumar o material utilizado na sessão.

Indicadores de avaliação:

. Cumpre as regras do jogo.

. Associa um estímulo auditivo a um movimento.

Seguimento:

. É realizado o registo fotográfico da

Avaliação/reflexão das atividades

Data: 14.01.2018

No que diz respeito a esta sessão de educação física posso afirmar que esta foi a meu ver a sessão que correu melhor tendo em conta todas as sessões que dinamizei. As crianças estiveram sempre entusiasmadas com todas as atividades, respeitaram todas as

regras dos jogos, cooperaram entre si e não existiram momentos de conflito como por vezes acontece.

No início da sessão o momento dedicado ao aquecimento já era conhecido pelas crianças e estas realizaram-no sem dificuldades. Este exercício consistia na realização de determinado movimento de acordo com o estímulo auditivo que estão a ouvir. Se em sessões anteriores as crianças demonstraram por vezes algumas dificuldades, nesta sessão tal não aconteceu.

O jogo dos arcos foi dinamizado com este grupo pela primeira vez nesta sessão, no entanto este correu muito bem. Penso que tal tenha que ver com a utilização de música gravada para o mesmo. Uma vez que as crianças deveriam circular pelo espaço movimentando-se ao ritmo da música levou a que estas estivessem concentradas, não só para que o conseguissem fazer, mas também para que ao deixarem de ouvir a música fossem capazes de ocupar um dos arcos livres. Importa salientar que na dinamização deste jogo incluí a regra de que nos arcos cor de laranja seria possível que duas crianças os ocupassem para incentivar que existissem momentos de cooperação entre as crianças. Foi muito bom verificar que as crianças partilharam estes arcos sem problemas e inclusive chamavam à atenção dos seus colegas para a possibilidade de partilha para que nenhum ficasse fora dos arcos:

“G. D. – Vem C.! Este é laranja pode ter dois meninos!” (Nota de campo de 8 de janeiro de 2018, ginásio)

No que diz respeito ao exercício final da sessão este também não era novidade das crianças. No entanto, tal como aconteceu no exercício de aquecimento, também neste foram verificáveis os progressos das crianças. Todas elas foram capazes de passar pelo arco ajudando-se mutuamente para tal e incentivando os colegas. Apenas o T.N., uma das crianças mais novas do grupo, teve algumas dificuldades, no entanto, com o apoio dos colegas foi capaz de ultrapassar o desafio.

A meu ver, estes pequenos exercícios e jogos que fomentam a cooperação ao mesmo tempo em que as crianças se divertem são fundamentais, uma vez que esta lhes será uma capacidade muito útil no futuro.

Para finalizar, nesta sessão destaco ainda o momento de retorno à calma e relaxamento. Para este momento costumo utilizar uma “caixinha mágica” (uma caixa formada com as mãos) que as crianças passam entre si e na qual guardam o que têm a dizer sobre a sessão. Apesar de desde a última sessão ter sido antes do período de férias de Natal, as crianças não se esqueceram deste ritual e este já lhes é tão habitual que já são elas a pedir pela “caixinha” para que possam partilhar as suas ideias sobre a sessão. Considero que atitudes como esta são também demonstrações da evolução das crianças do grupo em que cada vez mais cada uma delas respeita o seu colega neste momento de escuta e partilha.

Deste modo, e tendo em conta o que acima foi descrito, afirmo mais uma vez que esta sessão correu muito bem e foi prova notória da evolução de todas as crianças do grupo.

Planificação das Atividades

Data: 15.01.2018

Sessão de Educação Física

Ideias de partida:

. A dinamização de sessões de educação física é sempre do interesse das crianças do grupo. Assim, esta é mais uma sessão em que são explorados vários tipos de movimentos que são importantes no desenvolvimento das suas capacidades motoras.

Materiais:

. Pandeireta
 . Rádio com leitor de CD's
 . Arcos
 . Banco sueco
 . Colchão
 . Pins
 . Corda

Áreas de Conteúdo e Domínios

. Área de expressão e comunicação – Domínio da Educação Física

Intencionalidades Educativas

. Promover a cooperação entre crianças em situações de jogo, seguindo

orientações ou regras.

. Desenvolver o domínio de movimentos que implicam deslocamentos e equilíbrios como: correr, saltar.

Descrição da tarefa / Estratégias de concretização/ Modo de organização das crianças

. O educador dá início à sessão dando indicações às crianças acerca dos sinais que serão utilizados durante a mesma.

. O educador pede às crianças que se espalhem pelo espaço e depois pede-lhes que se movimentem ao som de uma música.

. Depois de explorados vários movimentos, o educador solicita às crianças que estas se sentem no chão e explica os exercícios que se seguem.

. Neste momento o educador exemplifica o que terão de fazer nos exercícios dos dois percursos que se seguem:

Percurso A:

- Saltar dentro dos arcos a pés juntos;
- Andar por cima de um banco sueco;
- Realizar um rolamento à frente;
- Subir e descer o espaldar.

Percurso B:

- Rastejar por baixo dos obstáculos;
- Deslizar por cima do banco sueco ultrapassando os arcos como obstáculos;
- Andar por cima da corda;
- Subir e descer o espaldar.

. A realização deste percurso pressupõe que as crianças o repitam algumas vezes.

. As crianças encontram-se espalhadas pelo espaço e o educador verbaliza um número de 1 a 5. Ao ouvir o educador as crianças têm de se agrupar consoante o número que ouvem.

. Neste momento, o educador conclui a sessão, questionando as crianças sobre a sua opinião sobre a mesma: i) o que gostaram mais; ii) o que não gostaram tanto; iii) o que foi mais desafiante; iv) o que foi mais fácil; entre outros aspetos.

. Para terminar, o educador solicita que as crianças o ajudem a arrumar o material utilizado na sessão.

Indicadores de avaliação:**Seguimento:**

. Cumpre as regras do jogo.

. É realizado o registo fotográfico da

. Associa um estímulo auditivo a um movimento.

Avaliação/reflexão das atividades**Data: 21.01.2018**

Tal como a sessão anterior, esta também correu muito bem. Em todos os exercícios dinamizados em cada estação foi possível verificar a evolução de cada uma das crianças. Todas elas, algumas com um pouco de auxílio, foram capazes de realizar todos os exercícios da sessão.

Nesta sessão, destaco ainda uma situação específica de duas crianças, a T.P. (5 anos) auxiliou e apoiou ao longo de toda a sessão a E. (3 anos). A T.P. sem que nenhum adulto lho pedisse tomou para si esta responsabilidade e ajudou a sua colega sempre que esta precisou:

“T.P.- Anda E. eu ajudo-te! (Enquanto E. anda por cima do banco sueco T.P. dá-lhe a sua mão para que esta se sinta mais segura e seja capaz de realizar o exercício).” (Nota de campo, 15 de janeiro de 2018, ginásio).

Ainda durante esta sessão, destaco o momento final de retorno à calma e relaxamento. Neste, e depois de a “caixinha mágica” ter passado por todas as crianças relembrei-as que esta seria a última sessão dinamizada por mim. Estas manifestaram pesar e imediatamente questionaram se isso queria dizer que não iriam realizar mais sessões de educação física. Neste momento expliquei-lhes que iriam continuar a serem dinamizadas sessões, mas pela educadora cooperante e não por mim. Ainda neste momento passei a “caixinha” que ficava sempre no meu bolso para o bolso da educadora cooperante e atribuí às crianças a responsabilidade de todas as semanas continuarem a partilhar com esta, momentos da sessão. As crianças afirmaram de imediato que o iriam fazer, para que quando as visitasse pudesse ver na “caixinha” tudo o que tinham feito.

A meu ver, este momento de passagem de testemunho da “caixinha” comprova que esta estratégia, utilizada no momento de retorno à calma, teve impacto neste grupo. Se nas primeiras sessões as crianças tinham dificuldade em acalmar-se e respeitar este momento de partilha, agora são capazes de o fazer e elas próprias pedem por ele, pedem pela “caixinha”.

2. REFLEXÕES SEMANAIS

2.1. Reflexão da semana de 25 a 29 de setembro de 2017

Esta semana de estágio foi dedicada à observação e criação de registros para que assim que possível me inteirasse das rotinas diárias, das principais características deste grupo de crianças e dos seus interesses. Além destes aspetos foquei também a minha atenção na forma como a equipa pedagógica se relaciona com as crianças, a forma como as crianças se relacionam entre si e até a forma como os adultos do contexto se relacionam. Tal como Portugal (2011) defende:

a qualidade das interações . . . entre os profissionais da creche . . . distingue os programas de elevada qualidade; [além de] que as crianças desenvolvem expectativas sobre o comportamento das pessoas e sobre elas próprias baseadas na forma como os pais e outros [equipa educativa] as tratam. (p. 49).

No que se relaciona com os tipos de relações supracitadas, considero-as importantes uma vez que só detendo conhecimento sobre as crianças, o contexto educativo e a equipa educativa é possível que a minha intervenção seja adequada e consequentemente de qualidade. Isto é, que vá ao encontro dos interesses das crianças, que potencie o seu desenvolvimento e que seja significativa para as mesmas. Tal como referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, “a observação e o registo permitem recolher informações para avaliar, questionar e refletir sobre as práticas educativas . . . sendo ainda essenciais para conhecer cada criança e . . . [para] fundamentar e adequar o planeamento da ação pedagógica”. (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.11).

Desta forma e tendo em conta que os meus principais objetivos eram a aquisição de conhecimentos sobre este grupo de crianças e o seu contexto, e o início do estabelecimento de uma relação para com as mesmas, posso afirmar que esta semana correu bem. Apesar de ser uma semana dedicada à observação, não me limitei a fazê-lo e interagi com as crianças da sala. Nestes momentos algumas delas, mesmo depois da minha apresentação, questionaram a minha presença, sendo esta uma reação que estava

à espera uma vez que era uma nova figura na sala. Assim, é importante afirmar que ao longo da semana senti que algumas das crianças do grupo começaram a perceber que a minha presença na sala seria uma constante e procuraram-me algumas vezes para interagir com as mesmas:

“Enquanto acompanhava o momento em que algumas crianças estavam a realizar um desenho, o R. pediu que me colocasse ao seu nível para que pudesse ver o meu nome na minha bata e assim o pudesse escrever num desenho que estava a fazer para me oferecer.” (Nota de campo de 27.09.2017, sala de atividades)

Em contrapartida também existiram momentos em que algumas crianças ficaram em dúvida e sem saber se poderiam dirigir-se a mim para os auxiliar quando necessitavam, bem como se deveriam realizar o que lhes pedia, tal como fazem quando se trata de um pedido da educadora cooperante ou uma das auxiliares. Nestes momentos voltei à explicar-lhes que a minha função na sua sala nos próximos meses seria semelhante à da educadora e que poderiam contar comigo para o que necessitassem. Aqui saliento a intervenção da educadora e dos restantes elementos da equipa educativa que sempre que necessário intervieram e explicitaram mais uma vez às crianças o meu papel na sala.

Ainda no que se refere às minhas interações com as crianças, realço que na minha intervenção privilegio estes momentos pois são através deles que se estabelecem relações, relações estas que “são o fundamento de toda a filosofia que deve presidir a um programa educativo de qualidade” (Portugal, s.d., p. 8).

No que diz respeito às rotinas deste grupo de crianças, é importante referir, que com o avançar da semana fui gradualmente conhecendo-as melhor o que permitiu que me focasse noutros aspetos mais relacionados com as suas características e interesses o que também é extremamente importante. Ou seja, na minha opinião, conhecer melhor as rotinas, leva-me a conhecer melhor certas características do grupo. Consequentemente, conhecer melhor o grupo permite-me refletir para melhorar as minhas intervenções e

assim proporcionar experiências significativas às crianças que lhes possibilitem desenvolver e melhorar as suas capacidades e competências.

Quanto às inquietações que esta semana fui sentindo, estas prenderam-se com o facto de não existir uma auxiliar da ação educativa fixa na sala. Isto é, as auxiliares das três salas de jardim de infância presentes na instituição trocam todos os dias entre si não tendo lugares fixos em cada uma das salas. Apesar de as três auxiliares que passam pela sala me terem recebido muito bem e de terem boas relações para com as crianças do grupo e a educadora da sala, estas trocas constantes fazem-me questionar se realmente são uma valia para o grupo. Serve de exemplo o facto de num dos dias de estágio a educadora pedir apoio à auxiliar da ação educativa para encontrar algumas das pinturas do grupo que tinham ficado num local, mas que aí já não se encontravam. Uma vez que a auxiliar do dia não tinha presenciado a atividade realizada no dia anterior e não sabia o que tinha sido feito nem onde se encontravam os materiais, a procura destes condicionou a continuação dessa mesma atividade.

Em jeito de conclusão, posso afirmar que esta foi uma boa primeira semana e que na minha opinião tal tem que ver com o facto de ter sido muito bem recebida não só pela equipa educativa de sala de atividades destinada ao meu período de estágio, mas também pelos restantes elementos da escola. Destaco nesta altura a educadora cooperante que além de me colocar muito à vontade, deu-me “carta branca” para a minha intervenção e mostrou-se muito disponível para me auxiliar sempre que necessitasse. Durante a próxima semana espero continuar a observar o grupo, a intervir em pequenos momentos, e a participar ativamente na rotina deste grupo de forma a integrar-me e a fazer com que as crianças me aceitem como um dos elementos da sala.

REFERÊNCIAS

- Portugal, G. (2011). *No âmago da educação em creche – o primado das relações e a importância dos espaços*. In Conselho Nacional de Educação, Educação da Criança dos 0 aos 3 anos. (PP 47 – 60). CNE: Lisboa.
- Portugal, G. (s.d.). *Finalidades e Práticas Educativas em Creche*. Universidade de Aveiro: CNIS.

Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., Rosa, M.. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

2.2. Reflexão da semana de 2 a 6 de outubro de 2017

Durante esta semana de estágio e tal como planeado voltei a focar a minha atenção nas características e interesses das crianças deste grupo, bem como nas suas rotinas diárias. A meu ver estes são fatores essenciais que me permitirão integrar o grupo e participar ativamente em todos os momentos por este vivenciado.

Relativamente aos interesses e características deste grupo de crianças, considero que ter conhecimento dos mesmos é de suma importância, uma vez que desta forma o educador de infância pode planejar a sua ação tendo estes aspetos em conta. Além disso, através do que observei e das interações que procurei estabelecer com as crianças consigo também, enquanto futura profissional da educação, ser capaz de compreender quais as potencialidades e fragilidades de cada uma. Estes são aspetos muito importantes e que procuro ter em conta sempre que planeio a minha ação junto de cada uma delas.

Outro aspeto que encaro como muito importante nas relações que são estabelecidas com as crianças é o facto de o educador de infância estar disponível para as mesmas e se colocar ao seu nível para participar das suas brincadeiras:

“Enquanto estava no recreio, no período da manhã, a T. pediu-me para brincar consigo ao macaquinho do chinês. Disse-lhe que sim e logo de seguida juntaram-se a nós várias crianças.” (Nota de campo de 06.10.2017, recreio)

“Depois do meu horário de almoço dirigi-me ao recreio onde se encontravam as crianças. Imediatamente a T. e a S. vieram ter comigo para jogarmos novamente, tal como de manhã, ao macaquinho do chinês.” (Nota de campo de 06.10.2017, recreio)

Considero que esta pode ser uma forma de estreitar as relações com as crianças e conseqüentemente aumentar o nível de confiança que estas depositam em si. A

confiança das crianças no educador de infância e nos restantes adultos em contexto é a meu ver um fator muito importante nas relações que se estabelecem, uma vez que, se uma relação tiver por base a confiança e o respeito, permitirá a existência de interações positivas entre o adulto e a criança, que possibilitará a ambos múltiplas oportunidades de aprendizagem (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016).

No que diz respeito às questões relacionadas com as rotinas considero que estas são extremamente importantes pois tal como citado por Formosinho (1998), “*criar uma rotina diária é basicamente isto: fazer com que o tempo seja um tempo de experiências educacionais ricas e interações [sic] positivas*”. (p.71). Além disso, embora as rotinas sejam flexíveis, apresentam alguma previsibilidade que transmite segurança às crianças. Deste modo, estas saberão o que podem fazer nos vários momentos do dia, prever a sua sucessão, e ter liberdade de sugerir modificações (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016). Importa ainda referir que sempre que necessário, e de forma a responder às necessidades das crianças, as rotinas de grupo podem ser alteradas:

“Em conversa com a educadora concordámos que o período destinado ao leite da manhã deveria ser alterado tendo em conta as respostas dadas pelas crianças ao horário estabelecido para o leite da manhã.” (Nota de campo de 02.10.2017, sala de atividades)

Ainda durante esta semana, apesar de ter participado em diversas atividades dinamizadas pela educadora e de ter contado ao grupo a história *Desculpa!* de Norbert Landa, o meu maior desafio foi ter passado o dia de sexta-feira responsável pelo grupo em conjunto com uma das auxiliares da sala. Nesse dia, por motivos de força maior, a educadora cooperante não esteve presente e como tal, pediram-me para assumir em todos os momentos do dia a função de educadora do grupo. Esta foi uma grande experiência, pois apesar de a educadora B. me permitir intervir em todos os momentos vivenciados em sala, este foi o primeiro dia em que fiquei responsável por todo o grupo sem a sua presença. Embora já tenha intervindo para o grande e pequeno grupo noutras situações, a educadora esteve sempre presente e disponível, neste caso, e apesar de contar com a auxiliar da sala, assumi o papel de educadora deste grupo em todos os

momentos. Importa ainda referir, que além de contar com o apoio da auxiliar presente na sala de atividades durante todo o dia foi realizada uma supervisão e acompanhamento por parte de outras duas educadoras de infância deste Jardim de Infância.

Esta experiência foi importante na medida em que me ajudou a sentir mais confiante no que faço e como faço para e com as crianças. Além disso, consolidou junto das crianças a ideia de que sou um novo elemento na sala que veio para ficar durante algum tempo e participar ativamente em todos os momentos. Isto é, não serei um adulto que irá passar alguns momentos na sua sala para observar o que fazem e como fazem. Antes pelo contrário, serei sim mais um adulto em contexto, mas irei estar integrada nas suas rotinas diárias, dinamizar algumas atividades e estar disponível em todos os momentos exercendo a função de educadora-estagiária deste grupo de crianças.

Em jeito de conclusão, posso afirmar que esta semana correu bem apesar de ainda sentir dificuldades em gerir alguns dos momentos em grande grupo. Penso que tal não tenha só que ver com o facto de a minha presença na sala ser relativamente recente, mas também com o facto de ainda nos encontrarmos no segundo mês deste ano letivo e de as crianças desta sala de atividades ainda estarem a formar a sua identidade enquanto grupo. Isto é, muitas destas crianças estão a frequentar esta escola ou até mesmo o jardim de infância pela primeira vez e ainda estão em fase de integração no mesmo. Este não é apenas um período em que me estou a integrar num novo contexto, mas é também um período de adaptação e integração das crianças na escola, um período para reconhecer e estabelecer relações entre as crianças e a equipa educativa, bem como comigo – educadora/ estagiária.

REFERÊNCIAS

Formosinho, J. O. (Org). (1998). A contextualização do modelo curricular *high-scope* no âmbito do projecto infância. In Formosinho, J. O. (org). Spodez, B., Brown, P.C., Lino, D., Niza, S., *Modelos Curriculares para a Educação de Infância* (2.^a ed.). (pp.51-85). Porto: Porto Editora.

Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., Rosa, M.. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

2.3. Reflexão da semana de 9 a 13 de outubro de 2017

Durante esta semana de estágio foquei a minha atenção nos momentos de leitura e dramatização de histórias e na importância que estes detêm para o grupo de crianças da sala 13.

De facto e tendo em conta o que tenho observado ao longo das últimas semanas os tempos dedicados à leitura de histórias ou atividades de dramatização são aqueles que captam quase que automaticamente o interesse do grande grupo. Sendo este um grupo heterogéneo no que diz respeito às idades das crianças, estas detêm diferentes tempos de concentração. No entanto, apesar de nos momentos de grande grupo ser por vezes difícil gerir este grupo, nos momentos dedicados à narração de histórias este reage sempre com mais interesse.

No que diz respeito às atividades de leitura por mim dinamizadas penso que estas estão a correr bem e que estou a ser capaz de captar a atenção das crianças para as mesmas. Sempre que dinamizo um destes momentos procuro ter a presença do livro, um elemento que considero bastante importante e disponibilizo-o às crianças para que estas possam ter contacto com o mesmo. Este é uma fonte bastante rica e que abre infinitas possibilidades para a criança compreender através da fantasia e imaginação o que acontece à sua volta, além de que tal como citado por Sousa (2015), “os livros devem estar disponíveis para que as crianças voltem a eles e os leiam sempre que desejem” (p.66).

Tendo em conta o supracitado, considero ainda que o facto de existirem momentos como estes no dia-a-dia das crianças são um fator muito positivo no seu desenvolvimento, já que a leitura de histórias vai despertar na criança o interesse e a atenção, a criatividade, a perceção de diferentes resoluções de problemas, autonomia e espírito crítico, que são elementos importantes na formação pessoal e social da mesma. Para além disto, a exploração de uma história pode suscitar a concretização de atividades e/ou projetos direcionados para outros domínios das áreas de conteúdos que

partindo dos interesses das crianças serão sempre muito mais significativos para as mesmas.

Deste modo, pretendo continuar a contar histórias a este grupo, adotando sempre uma postura dinâmica e diferentes estratégias que captem a sua atenção, uma vez que é ao educador que cabe “criar ambientes promotores do envolvimento com a leitura”. (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.71).

Segundo Sousa (2015) é através de momentos como estes, que o educador de infância é capaz de promover o desenvolvimento da criança:

- (i) ao nível pessoal já que “ao ouvir contar/ ler histórias a criança integra as vivências das personagens, o que lhe permite identificar-se com elas e experimentar sentimentos e emoções, dando sentido a experiências pessoais”. (Sousa, 2015, p.65);
- (ii) ao nível linguístico através do contacto com histórias que permitem que as crianças aumentem o seu vocabulário;
- (iii) ao nível concetual, uma vez que, “a criança contacta com novas ideias, novos conceitos, cultura, tradição e valores . . . [e] aprende a explorar, a criar, a planear mundos possíveis”. (Sousa, 2015, p.65);
- (iv) ao nível textual, já que a leitura de histórias permite que as crianças vão desenvolvendo a sua competência textual, apropriando-se de “fórmulas de abertura e fechamento . . . [e] de formas de expressão da cultura letrada” (Sousa, 2015, p.65);
- (v) ao nível corporal e artístico pois é permitido à criança que esta utilize o seu corpo, objetos com significados simbólicos, e a sua voz de diversas formas com o objetivo de criar diferentes personagens.

Tendo em conta o supracitado, podemos verificar a importância que a leitura e conto de histórias têm no desenvolvimento das crianças. Estes momentos devem por isso ser preparados e não realizados como forma de ocupar tempo e sem qualquer intencionalidade.

No que se refere ao que acontece na sala 13 durante a minha intervenção tenho tentado promover por várias vezes o contacto com livros e a dinamização de histórias.

Além disso, também a educadora B. promove o contacto com os livros através da rotina diária. Isto é, todos os dias a educadora B. procura realizar um momento de leitura com o grupo. Na minha opinião, esta é uma boa forma de garantir o manuseamento dos livros existentes na sala e de captar a atenção das crianças para a biblioteca da sala.

Além da rotina diária de contacto com os livros já estabelecida, no JI existem também dois projetos relacionados com a leitura de histórias e que na minha opinião são também muito importantes. Estes consistem em momentos de dinamização de histórias todas as semanas por parte da educadora responsável pela biblioteca e em visitas quinzenais à biblioteca para participar também na dinamização de algumas histórias.

“Hoje visitámos pela primeira vez a biblioteca da escola para que a educador M. contasse uma história ao grupo. Este mostrou-se muito entusiasmado com a visita e estiveram com muita atenção durante toda a história”. (Nota de campo de 11.10.2017, biblioteca da escola)

Até então todas as dinâmizações a que assisti foram ao encontro dos interesses das crianças e foram realizadas de formas muito dinâmicas e variadas que captam sempre a atenção e o interesse das crianças. Além disso nestes momentos foram sempre utilizadas diferentes formas de dinamizar uma história o que acaba por ser uma novidade para as crianças e cativá-las também através da curiosidade sobre o que irá acontecer.

Em jeito de conclusão, posso mais uma vez afirmar a importância que a meu ver a leitura de histórias, bem como o contacto com livros têm no desenvolvimento das crianças através da estimulação da sua curiosidade, criatividade e imaginação. A atividade de leitura em si, quer pelo educador, quer pela própria criança, vai transmitir-lhe “o gosto pela leitura, pelo pensamento crítico, e a capacidade de reflexão” (Sousa, 2007, p.45).

REFERÊNCIAS

Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., Rosa, M.. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação.

Sousa, O. C. (2007). O texto literário na escola: uma outra abordagem - círculos de leitura. In Azevedo, F. (coord.). Formar Leitores - das teorias às práticas (pp. 45-68). Lisboa: Lidel.

Sousa, O. C. (2015). Textos e Contextos: Leitura, Escrita e Cultura Letrada. Porto: Media XXI.

2.4. Reflexão da semana de 16 a 20 de outubro de 2017

Esta semana foi um pouco diferente uma vez que por motivos pessoais não consegui estar presente na segunda-feira. O motivo que me levou a faltar abalou-me um pouco, no entanto tentei sempre que o que se passava comigo não influenciasse a minha relação com as crianças.

No que se refere à restante semana procurei dinamizar todas as atividades por mim planeadas, participar em todas as outras e nas rotinas diárias de grupo. No entanto, esta semana destaco o facto de me ter centrado um pouco mais nas brincadeiras com as crianças e entre crianças. Isto é, prestei ainda mais atenção às brincadeiras que estas foram realizando individualmente ou em pequenos grupos e procurei participar das mesmas.

São vários os autores que defendem a importância do brincar/ jogar no dia-a-dia das crianças. São exemplo desses autores, Vasconcelos (1989) e Guedes (1991) (citados por Dias & Mendes, 2012) que defendem que o brincar/jogar influencia o desenvolvimento global das crianças. Isto é, as crianças conseguem através das suas brincadeiras desenvolver competências e conhecimentos: (i) ao nível cognitivo - “através da exploração das percepções e no desenvolvimento da imaginação”; (ii) ao nível motor - “potenciando o aperfeiçoamento das capacidades motoras de base”; (iii) ao nível sócio afetivo – “libertando emoções e valorizando a cooperação entre pares”; e (iv) ao nível social – “desenvolvendo a inter-ajuda e a solidariedade entre pares”.

Assim, e tendo em conta a importância do brincar cabe ao educador de infância e aos restantes adultos presentes no contexto disponibilizar tempo à criança para que esta possa brincar e conseqüentemente realizar novas aprendizagens.

O educador de infância ao permitir que a criança tenha tempo para escolher ao que quer brincar, está também a incentivar o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático e de semelhança e diferença, já que “a escolha requer que a criança pense nas diferenças e semelhanças das alternativas que se lhe apresentam”. (Lino, 2014, p.139). Ao escolher, a criança está também e simultaneamente a organizar a sua ação e a decidir de acordo com os seus desejos e vontades o que favorece o sentido de autonomia. Isto é, a criança decide autonomamente o que quer fazer através das suas escolhas e depois de ponderar sobre as várias hipóteses de que dispõe.

Mais uma vez, surge aqui a necessidade de salientar a importância do papel do educador de infância. Embora seja a criança a escolher ao que deseja brincar e possa através dos materiais de que dispõe construir os mais variados cenários, é o educador de infância que disponibiliza estes mesmos materiais de acordo com os conhecimentos de que dispõe. Ou seja, é através dos conhecimentos que adquiriu durante a sua formação profissional que o educador de infância vai disponibilizar às crianças materiais que sejam adequados à sua faixa etária e que permitam que estas os explorem adquirindo novos conhecimentos. (Monteiro e Delgado, 2014).

Durante os tempos de brincadeira das crianças o educador deve ainda adotar uma postura ativa, brincando com as crianças, mas dando sempre uma intencionalidade pedagógica à sua ação. Ao fazê-lo o educador de infância estará a apoiar a criança na construção do seu saber e na aquisição de novos conhecimentos. Na minha opinião, é muito importante que neste tipo de situações o educador ou adulto trabalhe na zona de desenvolvimento proximal da criança, funcionando como uma espécie de andaime que a ajuda a desenvolver-se. (Hauser-Cram, Nugent, Thies & Traveres, 2014).

No que se refere ao que acontece na sala 13 é possível verificar que existem momentos de tempo de escolha livre em que as crianças podem decidir que tipo de brincadeira ou atividade querem desenvolver. Tanto nas situações de brincadeira e jogo, como nas atividades que estas escolhem desenvolver, os vários elementos adultos

presentes neste contexto apoiam e auxiliam as crianças sempre que necessário adotando uma postura ativa.

Na minha ação junto de cada uma das crianças do grupo tento sempre integrar-me nas suas atividades participando das mesmas e sempre que possível agarro as várias oportunidades que surgem para desafiar as crianças e potenciar através das suas brincadeiras o seu desenvolvimento.

Neste sentido, destaco uma situação que ocorreu esta semana. Esta evidenciou-se de entre as restantes situações, uma vez que sinto que apesar de as crianças nos seus momentos de brincadeira procurarem a área dos jogos de chão, quando o fazem muitas das vezes apenas espalham as peças dos jogos não desenvolvendo qualquer um deles.

Desta forma, e com o intuito de levar as crianças a conhecerem as regras dos jogos e formas de os manipularem sentei-me com estes no tapete dos jogos e ajudei-os a construir com blocos um dos exemplos que vinham com o jogo. A construção desta figura foi realizada com duas crianças que se apoiaram mutuamente para a conseguirem terminar.

Depois de concluírem a sua construção, estas duas crianças foram incentivadas pela educadora B. a representá-la através de um desenho. Estas assentiram e terminados os seus desenhos apresentaram-nos a eles e à sua construção ao grande grupo. O grande grupo demonstrou bastante interesse em ouvir os seus colegas, e várias crianças manifestaram desejo de eles próprios criarem as suas construções.

Neste momento destaco também o facto de as crianças terem transmitido aos seus colegas que tinham realizado aquela construção em equipa o que tornou a tarefa mais fácil. A meu ver são momentos como estes que demonstram realmente às crianças a importância do trabalho em equipa e não o facto de lhes tentarmos explicar por palavras. É verdade que é importante que o façamos, mas se as crianças vivenciarem este tipo de experiências irão compreender muito melhor a sua real importância.

Em jeito de conclusão posso mais uma vez afirmar a importância que o brincar/jogar têm no desenvolvimento de uma criança que tal como referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar o “brincar é a atividade natural da iniciativa da criança que revela a sua forma holística de aprender”. (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.10).

REFERÊNCIAS

- Dias, G. & Mendes, R. (2012). As potencialidades do jogo no desenvolvimento da criança. *EFDeportes.com*, Nº 173. Buenos Aires. Consultado a 30 de abril de 2017 em goo.gl/4ZhDTj.
- Hauser-Cram, P. & Nugent, J. K. & Thies, K. & Traveres, J. (2014). *Development of Children and Adolescents*. United States of America: Wiley.
- Lino, D. (2014). *A Qualidade do Contexto na Educação de Infância Perspetivada através da Escolha e do Envolvimento*. Estudos sobre Educação, v.25 - n.3, pp.137-154.
- Monteiro, C. & Delgado, A. (2014). *Crianças, Brincar, Culturas da Infância e Cultura Lúdica: Uma Análise dos Estudos da Infância*. Saber & Educar 19, pp. 106-115.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., Rosa, M.. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

2.5. Reflexão da semana de 23 a 27 de outubro de 2017

Durante as últimas semanas tenho vindo desenvolver com as crianças um conjunto de atividades que se relacionam com a exploração de técnicas e materiais de expressão artística. São alguns exemplos destas: uma pintura de sopro, realizada esta semana; uma atividade com carimbos; e atividades de recortes e colagens:

“No período da manhã fui com algumas crianças apanhar alguns elementos naturais para depois utilizar numa atividade de colagem da representação da figura humana. As crianças demonstraram muito entusiasmo em apanhar os vários elementos.” (Nota de campo de 29.09.2017, Recreio)

“As crianças estavam a fazer alguns recortes de alimentos (...)”. (Excerto de Nota de campo de 09.10.2017, Sala de atividades)

“Gostei muito de pintar com as palhinhas!” (Nota de campo de 26.10.2017, Sala de atividades)

Este tipo de atividades tem um papel fundamental ao nível do desenvolvimento estético e artístico das crianças em idade pré-escolar, já que permitem à criança expressar-se através de diversas linguagens e explorar e utilizar variados materiais e instrumentos, através de diferentes técnicas.

Assim, podemos verificar que a realização deste tipo de atividades é uma mais-valia para as crianças. Além destes aspetos a utilização deste tipo de materiais permite ainda que estas adquiram novas capacidades de expressão e desenvolvam a sua imaginação. Ou seja, uma atividade plástica implica que as crianças se envolvam na mesma e que explorem as várias possibilidades que encontrem. Ao produzir, analisar e interpretar, as crianças irão adquirir mais conhecimentos e dessa forma, o seu sentido estético e artístico é desenvolvido.

Outro aspeto a ter em conta na realização de atividades plásticas é o papel desempenhado pelo educador de infância. Isto é, para que haja um bom desenvolvimento das crianças nesta área, não basta colocar os materiais à sua disposição, mas é ao educador que cabe a criação de momentos de aprendizagem estruturados e intencionais – de acordo com os objetivos que pretende desenvolver -, em que a criança tenha a oportunidade de explorar as demais possibilidades das artes plásticas. Tal com referido nas *Orientações para a Educação Pré-Escolar*, “as crianças têm prazer em explorar e utilizar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar, cabendo ao/a educador/a alargar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação”. (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.49).

No que se refere às atividades e explorações realizadas na sala 13 posso afirmar que até então, durante o meu período de estágio, a educadora cooperante tem dinamizado atividades em que as crianças podem contactar com diferentes técnicas e

materiais. Podem ser exemplo desta exploração a utilização de digitintas, guaches, lápis de cera, pastéis, como também a utilização de plasticina para exploração livre das crianças.

Relativamente à minha intervenção, esta semana verifiquei que as crianças demonstraram muito interesse em explorar a técnica de pintura através do sopro, sendo que inicialmente estas até levantaram algumas hipóteses de como poderiam utilizar as palhinhas. Foi também interessante verificar que durante a realização desta atividade as várias crianças que participaram foram vendo e comentado as criações dos seus colegas, bem como fazendo comparações com as suas. Este tipo de análise por parte das crianças demonstra o seu interesse, mas também a vontade de descobrir possíveis formas de exploração desta técnica, já que por vezes experimentaram manipular a sua palhinha da mesma forma que o seu amigo.

Além desta atividade de pintura através do sopro e das restantes atividades a cima citadas também já recorri à utilização de elementos naturais para colagens e de materiais reutilizáveis para construções a três dimensões. Estes são alguns exemplos de atividades possíveis de dinamizar com as crianças e que além de representarem diferentes formas de expressão permitem ainda que estas descubram novas formas de utilizar um mesmo material para diversas finalidades.

*“Vamos usar as palhinhas para fazer bolinhas (tipo carimbo) ” (B, 5 anos).
(Nota de campo de 26.10.2017)*

“Não! Vamos usar para fazer assim! (a criança simula que raspa a palhinha no papel) ” (S., 5 anos). (Nota de campo de 26.10.2017)

Posto isto, e em jeito de conclusão, posso mais uma vez afirmar que a realização de atividades e explorações plásticas com as crianças é uma mais-valia para o seu desenvolvimento, já que como citado por Sousa (2003), “a expressão plástica é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades.” (p. 160).

REFERÊNCIAS

Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., Rosa, M.. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação – 3º Volume*. Lisboa: Instituto Piaget.

2.6. Reflexão da semana de 30 de outubro a 3 de novembro

Esta semana foi mais curta do que o habitual devido ao feriado a meio da semana. Desta forma, a maior parte das atividades desenvolvidas estiveram diretamente relacionadas com o feriado e as celebrações à sua volta.

No entanto, durante esta semana, outro aspeto que se destacou e despertou a minha atenção teve que ver com o facto de ter chovido. Aparentemente pode parecer que este aspeto não se relaciona com a vida deste grupo de crianças, mas tal acontece. Ou seja, nos dias em que chove as crianças não podem utilizar o espaço exterior, uma vez que este não dispõe de nenhum local que seja coberto e o permita. Assim, nestes dias, as crianças têm obrigatoriamente de permanecer na sala de atividades durante todo o dia a menos que a chuva abrande.

Esta situação levou-me a refletir sobre a importância da organização dos espaços no JI. Segundo Portugal (s.d.) a forma como estes estão organizados os espaços “facilitar aprendizagens, criar desafios, provocar a curiosidade, potenciar a autonomia e relações interpessoais positivas”. (p.11). Esta preocupação não deve ser tida em conta única e exclusivamente pelo educador na sua sala de atividades, mas também em todos os espaços do JI. Quer isto dizer, que além da forma como o educador planeia a organização da sua sala influenciar diretamente o processo de desenvolvimento e aprendizagens das crianças, também a organização dos restantes espaços é importante.

Além da importância que têm os espaços interiores e a sua organização, os espaços exteriores não devem ser descurados. Tal como afirma Portugal (s.d.) nos espaços exteriores “as crianças encontram . . . desafios que se situam no prolongamento

das suas capacidades e realizam descobertas insuspeitáveis e sempre renovadas” (p.11). Desta forma, através das experiências físicas e sensoriais as crianças vão também construindo os seus conhecimentos.

No que diz respeito à organização do espaço da sala 13 posso afirmar que esta se adequa às necessidades das crianças, aos interesses do grupo e às intencionalidades da educadora no desenvolvimento das crianças. Importa referir que estes são aspetos comuns a todas as salas da instituição. Isto é, depois de visitar as outras salas da instituição pude verificar que cada uma delas é organizada tendo em conta a faixa etária das crianças que a frequentam, as suas características e interesses. Tal deve-se ao facto de todas as decisões que um educador de infância (EI) toma em relação à organização dos espaços, serem ponderadas e planeadas. Deve ser o EI responsável pelo grupo que, tendo em conta as características do mesmo, planeia a forma como irá organizar os espaços, criando um ambiente em que a criança se sinta segura. Consequentemente, esta irá sentir-se mais confiante nas reações que estabelece para com os outros e o mundo. (Portugal, 2011).

A sala 13 está organizada em várias áreas que as crianças podem explorar autonomamente e que potenciam as descobertas e aprendizagens das mesmas, sendo estas: a área do tapete, do jogo simbólico (casinha), dos jogos – jogos de mesa e jogos de tapete, da garagem, da expressão plástica, e da biblioteca. Cada uma destas áreas disponibiliza à criança diferentes desafios e oportunidades. Além disso, o facto de as crianças serem responsáveis por ajudar a mantê-las arrumadas e organizadas desenvolve nelas o sentido de autonomia, mas também o de sentirem competentes. Isto é, ao serem responsáveis por algo, as crianças irão sentir-se capazes e irão ganhando confiança em si mesmas e nas suas ações.

No que se refere ao espaço exterior este dispõe de um escorrega e de outros equipamentos que permitem a exploração físico-motora por parte das crianças. A meu ver, este é o espaço que apesar de ter aspetos positivos, como a sua amplitude, a existência de árvores de fruto e os equipamentos acima descritos, necessitaria de alguma remodelação para que mesmo em tempos chuvosos as crianças pudessem aproveitar um pouco do exterior. Este é um local, no qual por excelência as crianças gostam mais de brincar, uma vez que aí podem extravasar as suas emoções e brincar sem tantas

restrições a nível de espaço. Existem brincadeiras que só no exterior são passíveis de ser realizadas, como é o caso de um jogo da apanhada.

Importa salientar que nestas alturas poderia pensar-se em utilizar o ginásio como forma de substituir o espaço exterior nos omentos de recreio, no entanto, tal não é viável, uma vez que nestes momentos este se encontra ocupado pelos alunos do primeiro ciclo da escola. Desta forma, à crianças do JI não resta outra alternativa que seja a permanência na sua sala de atividades também durante o tempo de recreio.

Tendo em conta tudo o que foi até agora declarado, posso afirmar que a forma como estão organizados o espaço interior (sala de atividades) potencia o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. No que diz respeito ao espaço exterior, este também é benéfico ao desenvolvimento das crianças, mas detém a meu ver esta limitação que condiciona a sua utilização em certos períodos de tempo.

No entanto, considero ainda que ambos os espaços permitem que as crianças superem desafios, tenham novas experiências, explorem os mais variados assuntos, brinquem individualmente ou em grupo, simulem situações do quotidiano e do seu imaginários e construam novos conhecimentos através das suas experiências que lhes são tão importantes.

REFERÊNCIAS

Portugal, G. (2011). *No âmago da educação em creche – o primado das relações e a importância dos espaços*. In Conselho Nacional de Educação, Educação da Criança dos 0 aos 3 anos. (PP 47 – 60). CNE: Lisboa.

Portugal, G. (s.d.). *Finalidades e Práticas Educativas em Creche*. Universidade de Aveiro: CNIS

2.7. Reflexão da semana de 6 a 10 de novembro de 2017

Esta última semana foi uma semana atípica. Por motivos de saúde a educadora cooperante esteve ausente da sala de atividades durante três dos cinco dias úteis da semana o que originou uma semana completamente diferente de todas até então. Quero

com isto dizer, que apesar de me ser permitido intervir diariamente nos vários momentos da rotina, durante a maior parte desta semana assumi por completo o papel de educadora da sala. Relativamente a este aspeto importa destacar que apesar de a minha educadora cooperante não estar presente, durante estes dias tive sempre o apoio de uma auxiliar da ação educativa e a supervisão das duas outras educadoras do JI.

Um dos aspetos que destaco esta semana, é o facto de ter conseguido dinamizar as atividades que tinha previamente planeado em conjunto com a educadora. Tal foi possível, uma vez que ambas reunimos semanalmente para planificar e conversar sobre as atividades a dinamizar na semana seguinte, bem como para discutir alguns aspetos que consideremos que tenham corrido menos bem, ou seja, uma avaliação da semana. Desta forma, apesar de a educadora cooperante não estar presente, a semana prosseguiu dentro do esperado e sem que me sentisse perdida com a sua ausência.

Esta situação fez-me refletir sobre a importância da capacidade que um educador de infância deve ter de planear/replanear e reajustar a sua ação. Associado a estes, surgem também os importantes conceitos *observar*, *registar* e *avaliar*. Estes são conceitos que se interligam e que quando assim é permitem que o educador aja de forma mais incisiva junto das crianças.

A meu ver, tal como fiz e continuarei a fazer ao longo deste período de intervenção, um educador de infância deve observar o grupo de crianças a seu cargo e fazer registos sobre o mesmo de forma a conhece-lo. Só assim conseguirá que a sua planificação seja significativa para esse mesmo grupo. A avaliação deve surgir como forma de o educador avaliar a sua ação junto das crianças e assim verificar a necessidade ou não de realizar alterações na sua ação e na sua forma de planificar.

Um educador de infância deve planear a sua ação e através dos progressos e das respostas que obtém das crianças avaliá-la. Tal como supracitado, os conceitos de *planificação* e *avaliação* são “interdependentes: a planificação é significativa se for baseada numa avaliação sistemática e a avaliação é útil se influenciar a planificação da ação e a sua concretização”. (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.13). Ou seja, tal como Freire (citado por Gaspar & Silva, 2010) afirma “aprender a avaliar é aprender a modificar o planeamento. No processo de avaliação contínua o educador agiliza sua

leitura de realidade podendo assim criar encaminhamentos adequados para seu constante replanejar [sic]”. (Gaspar & Silva, 2010, p.3).

Esta reflexão, as reflexões que realizo semanalmente e todas as avaliações à atividade que dinamizo têm na minha opinião essa mesma finalidade. Fazer-me pensar sobre a minha ação, avaliando-me através da forma como as crianças reagem para comigo e para com as atividades de maneira a que consiga melhorar a minha postura e a minha prática.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016),

a autoavaliação da intervenção do/a educador/a e a avaliação do desenvolvimento do processo é essencial numa perspetiva de avaliação formativa, em que a avaliação é reinvestida na ação. A avaliação do processo permite também saber em que medida as crianças se envolveram nas atividades e projetos e quais as aprendizagens que vão realizando. Através dessa avaliação, o/a educador/a vai ajustando o seu planeamento e intenções pedagógicas, de modo a estabelecer uma progressão que desafie cada criança. (p.18).

Além de todos estes aspetos, o educador deve ter também em consideração os interesses das crianças e as contribuições que estas podem oferecer às várias planificações que são realizadas. É certo que o educador de infância deve guiar as crianças durante o seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, funcionando como um “andaime” que ajuda a criança a alcançar os seus objetivos, no entanto, pode partilhar o ato de planificar para com as crianças. (Hauser-Cram, Nugent, Thies & Traveres, 2014). Ao fazê-lo, o educador de infância estará a promover oportunidades e a apoiar “a capacidade emergente das crianças para pensarem em termos de acontecimentos futuros e passados”. (Post & Hohmann, 2003, p.262).

No que se refere à minha prática e ao que observo acontecer na sala 13, tanto eu como a educadora B. planeamos em conjunto as diversas atividades a dinamizar. Já as crianças, embora ainda não desempenhem um papel efetivo relativamente às atividades planeadas semanalmente, podem diariamente planear o que desejam fazer durante o seu tempo de escolha livre e realizar sugestões quanto a outras atividades. Importa também

referir que em todas as planificações que realizamos, com e para com este grupo, são sempre pensadas tendo em conta os seus interesses.

Ainda relativamente a esta semana, destaco algumas dificuldades sentidas na gestão de alguns dos momentos em grande grupo. Senti que em vários destes momentos, como a educadora do grupo não estava presente, fui mais vezes testada pelas crianças. Isto é, estas tiveram por vezes algumas atitudes que sabem que não são aceites na sala como forma de testarem a minha reação. Nestes momentos, agi tal como costume agir quando a educadora cooperante está presente para que as crianças percebessem que o facto de esta não estar na sala não altera a minha postura. Nestes momentos destaco também o facto de ter utilizado algumas estratégias diferentes que captaram a atenção do grupo, como foi o caso da realização da fila a pares para nos dirigirmos para o refeitório. Por norma o chefe do comboio vai chamando os seus colegas para que estes se juntem com os seus pares e formem o comboio. Na quarta-feira como o grupo estava resistente em fazer silêncio para que os pares fossem chamados, disse-lhes que o comboio seria realizado de outra forma e que para tal precisaria de silêncio. Estes ficaram curiosos sobre o que lhes disse e depois de lhes explicar o que pretendia estes colocaram-se em fila e de forma ordenada conseguimos dirigirmo-nos para o refeitório:

“Antes do almoço era necessário forma uma fila para nos dirigirmos para o comboio. Como o grupo estava resistente em fazer silêncio para que o “chefe do comboio” pudesse chamar os seus colegas disse Às crianças que teriam de fazer silêncio pois iríamos fazer um jogo para ir para o refeitório. Ao invés de o chefe do comboio chamar os seus colegas, este deveria em silêncio tocar a cabeça do seu amigo que pretendia chamar e este deveria seguidamente tocar na cabeça do seu par. Este jogo deveria ser feito em silêncio para que quem ainda estivesse sentado no tapete não soubesse quem se tinha levantado e dirigido para a fila. As crianças ficaram curiosas com o jogo e fizeram a fila em silêncio o que permitiu que depois seguíssemos de forma ordenada para o refeitório.”
(Nota de campo de 8.11.2017, sala de atividades).

Em jeito de conclusão, posso afirmar que, esta semana me permitiu refletir sobre diversos assuntos relacionados com o ato de planear e sobre todos os outros conceitos a ele associados. Desta forma, posso afirmar que apesar de todos os contratempores e apesar de nem todas as atividades terem corrido como esperava, esta foi uma boa semana.

REFERÊNCIAS

- Gaspar, D. & Silva, A. M. C. (2010). A avaliação na Educação Pré-Escolar e a utilização do Portfólio. In J. C. Morgado et al (orgs.), *Actas do 2º Congresso Internacional sobre Avaliação em Educação: Aprender ao Longo da Vida. Contributos, perspectivas e questionamentos do currículo e da Avaliação*. Braga: Universidade do Minho, pp. 1104-1121. (publicado em Julho 2011).
- Hauser-Cram, P. & Nugent, J. K. & Thies, K. & Traveres, J. (2014). *Development of Children and Adolescents*. United States of America: Wiley.
- Post, J. & Hohmann, M. (2003). *Educação de bebés em infantários: Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., Rosa, M.. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

2.8. Reflexão da semana de 13 a 17 de novembro de 2017

Esta semana, a nível da concretização de atividades, consegui realizar tudo o que tinha planificado e portanto posso dizer que a este nível a semana correu bem. Posso afirmá-lo não só porque consegui cumprir a planificação, mas também porque tudo o que foi realizado foi ao encontro dos interesses das crianças que participaram com entusiasmo.

Um das atividades que planeei e que mais me fez refletir foi a sessão de educação física. Considero que desde a primeira sessão de educação física que

dinamizei, estas têm vindo a correr cada vez melhor, sendo que tal se comprova através do feedback que recebo das próprias crianças:

“Gostei do jogo da raposa e a Daniela também faz sempre jogos muito giros connosco!”. (Nota de campo de 30.10.2017, ginásio)

“Gostei muito do jogo da raposa e a Daniela traz sempre jogos giros para os meninos!”. (Nota de campo de 30.10.2017, ginásio)

Um dos principais motivos para que as sessões de educação física tenham corrido melhor prende-se a meu ver com as estratégias que tenho utilizado na interação com as crianças. Por exemplo, nesta sessão procurei utilizar estratégias diferentes das que utilizei na outra sessão, como a realização de exercícios em grande grupo recorrendo a estímulos sonoros através da utilização de maracas e uma pandeireta. Ainda assim, a meu ver, existem aspetos que ainda posso melhorar na minha atitude e na forma como dinamizo estas sessões. Irei deste modo continuar a dinamizar este tipo de sessões, tentando sempre melhorar, tendo em conta a importância que a educação física tem em crianças desta faixa etária.

A educação física é extremamente importante no desenvolvimento de uma criança, uma vez que potencia o seu desenvolvimento global e não só o desenvolvimento de competências físicas. Esta proporciona às crianças situações ricas ao nível da aquisição de valores e de competências físicas e sociais (Pereira, 2007).

Isto é, a educação física contribui para um crescimento harmonioso da criança, na medida em que a atividade física permite o desenvolvimento da criança em três níveis: i) a *nível físico* no desenvolvimento da motricidade global através da realização de “movimentos gerais e amplos envolvendo todo [. . .] o corpo” (Pereira, 2007, p.64), o que permite à criança conhecer o seu próprio corpo e usá-lo da melhor forma (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016); ii) a *nível psicológico* no que diz respeito à maturação neurológica das habilidades motoras e à coordenação de “um conjunto de nervos, sentidos e músculos” (Pereira, 2007, p.64); e iii) a *nível social* na medida em que estimula o convívio e a participação “em formas de cooperação e competição saudável,

a seguir regras para atingir em conjunto, [e] a organizar-se para atingir um fim comum” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.44).

Desta forma e tendo em conta tudo até então declarado, a realização de sessões são fundamentais no quotidiano de uma criança. Este tipo de sessões deve ainda ser realizado de forma adaptada ao grupo a que se destina para que todas as crianças consigam participar e ninguém seja excluído. É essencial “ dar oportunidade de experiências motoras e de jogo a todas as crianças independentemente do seu nível de habilidade” (Neto, s.d., p.8). Para que tal aconteça o educador de infância deve conhecer bem o grupo pelo qual é responsável além de dever ter conhecimentos sobre o percurso de desenvolvimento de uma criança. Só assim, será capaz de planificar sessões de educação física adequadas às especificidades de cada uma das crianças do seu grupo.

No que se refere às sessões que eu dinamizei, tentei sempre que estas fossem ao encontro dos interesses do grupo e que os exercícios propostos fossem adequados à faixa etária do mesmo. Além disso, depois das sessões refleti sempre sobre as mesmas e sobre aspetos que poderia melhorar. Penso que ao fazer este tipo de reflexões melhoro não só a minha postura enquanto futura educadora de infância, mas também tudo aquilo que o proporciono às crianças. Isto é, aquilo que lhes proporciono será cada vez mais adequado às suas necessidades e irá favorecer cada vez melhor o seu desenvolvimento. Tudo é pensado com uma intencionalidade.

A existência desta intenção sempre que algo é proposto às crianças prende-se com o facto de o educador de infância, através do que realiza para e com as estas, dever ter sempre como principal objetivo potenciar o desenvolvimento da criança.

Quer isto dizer, que apesar de a educação física ser fundamental no desenvolvimento das crianças, o educador de infância é também um elemento-chave neste processo. Isto é, ao utilizar todos os seus conhecimentos, um educador de infância irá proporcionar às crianças experiências de qualidade e que só favorecem o seu desenvolvimento.

Em jeito de conclusão posso mais uma vez afirmar que a educação física e o desempenho de qualidade de um educador de infância são fundamentais para o processo de desenvolvimento de uma criança.

REFERÊNCIAS

- Neto, C. (s.d.). A Educação Motora e as "Culturas De Infância": A Importância da Educação Física e Desporto no Contexto Escolar. Faculdade de Motricidade Humana: Universidade Técnica de Lisboa.
- Pereira, R., F., G. (2007) O Pulsar da Actividade Física no Ensino Pré-Escolar. Cadernos de Estudo. Porto: ESE de Paula Frassinetti. nº 6 (2007), p. 63-69.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., Rosa, M.. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação.

2.9. Reflexão da semana de 20 a 24 de novembro de 2017

Esta foi uma semana em que além dos momentos de rotina diária do grupo, a minha ação esteve mais centrada na realização das atividades relacionadas com o projeto sobre os dentes a ser desenvolvido por algumas das crianças do grupo. Este surgiu da necessidade de realização de um projeto no âmbito de uma das unidades curriculares do mestrado em Educação Pré- Escolar, mas a temática a ser explorada é do interesse das crianças.

Considero que a realização de projetos com as crianças é uma mais-valia para o seu desenvolvimento, uma vez que, para além dos conhecimentos que estas adquirem sobre a temática a ser explorada, estes contribuem:

para que as aprendizagens tenham um significado, sejam portadoras de sentido, envolvendo as crianças (ou os adultos) na resolução de problemas reais ou na busca de respostas desconhecidas. Tal processo de aprendizagem permite o desenvolvimento de competências essenciais numa sociedade do conhecimento: a recolha e tratamento de informação e, simultaneamente a aprendizagem do trabalho de grupo, da colaboração, da tomada de decisão

negociada, a atividade meta-cognitiva, e o espírito de iniciativa e criatividade. (Vasconcelos, 2011, p.2).

É através da realização deste tipo de atividades em que as crianças têm de colocar hipóteses e discutir entre si as informações que encontram que o seu desenvolvimento intelectual será estimulado. (Vasconcelos T., Rocha, C., Loureiro, C., Castro, J., Menau, J., Sousa, O. ... Alves, S, 2012).

Inicialmente e tendo em conta que este é o primeiro projeto a ser desenvolvido pelo grupo senti algumas dificuldades em motivar as crianças e levá-las a compreender a forma como deveriam participar no mesmo. No entanto, fui apresentando às crianças o que deveríamos fazer e a dinamização das atividades relacionadas com o projeto motivaram-nas e levaram-nas a querer participar cada vez mais em tudo o que se relacionava com o mesmo:

“S.E. - Daniela, hoje não vamos fazer nada do projeto?”

D- Hoje não conseguimos, porque temos a atividade com a Margarida.

S.E. – Oh! Mas eu queria!” (Nota de campo, 21 de novembro de 2017, sala de atividades)

A meu ver, o desejo gradual de participar no projeto está diretamente relacionado com o facto de que o que está a ser explorado e pesquisado tem que ver com uma temática real e que surgiu dos interesses das crianças deste grupo. Estas estarão sempre mais motivadas para descobrir algo sobre um dos seus interesses do que sobre uma temática imposta pelo adulto.

Outro aspeto que realço e que também foi de suma importância para o desenvolvimento do projeto até então foi a disponibilidade que a educadora cooperante demonstrou para que as crianças envolvidas no projetos pudessem participar no mesmo. Esta permitiu sempre que eu tivesse um tempo destinado à elaboração do projeto sendo flexível na planificação das suas atividades.

Durante a próxima semana irei continuar a participar na realização de atividades relacionadas com o projeto, mas também nos restantes momentos da rotina diária que também são muito importantes para o desenvolvimento das crianças.

REFERÊNCIAS:

Vasconcelos, T. (2011). Trabalho de Projeto como "Pedagogia de Fronteira". Da Investigação às Práticas, I (3), 8-20.

Vasconcelos, T. (Coord.), Rocha, C., Loureiro, C., Castro, J., Menau, J., Sousa, O. ... Alves, S. (2012) *Trabalho por Projectos na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens, Integrar Metodologias*. Lisboa: Ministério da Educação – Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

2.10. Reflexão da semana de 27 a 30 de novembro de 2017

Esta semana além de ter participado diariamente na rotina das crianças consegui dinamizar todas as atividades que tinha planeado e concluir com as crianças as atividades planeadas relacionadas com o projeto sobre os dentes. Assim, posso dizer que a este nível a semana correu muito bem.

Durante esta semana, a minha principal inquietação prendeu-se com a minha participação na reunião de pais. Uma vez que acho pertinente a minha presença enquanto um dos elementos presentes na sala de atividades no momento, mas também como futura profissional da educação em aprendizagem, questionei a educadora cooperante se poderia participar na mesma. Esta assentiu imediatamente e partilhou comigo os vários aspetos que iria abordar e questionando também se teria algo a acrescentar, valorizando a minha opinião. No entanto, e tendo em conta que esta foi a primeira reunião em que participei, mesmo não estando responsável pela mesma estava um pouco nervosa com toda a exposição que teria.

Importa referir que além dos aspetos acima citados manifestei interesse em participar na reunião de pais, uma vez que, existem alguns pais das crianças, que pela condicionante dos seus horários (crianças que frequentam as Atividades de Animação e de Apoio à Família (AAAF)) diferentes dos por mim praticados nas entradas e saídas da escola, ainda não tinha tido a possibilidade de conhecer. Como tal, e sendo que acho bastante importante e um direito os pais saberem o que os seus filhos fazem no jardim-de-infância e com quem, este foi mais um dos motivos que me levou a querer participar na reunião.

Concluída a reunião, posso afirmar que me senti bem durante a mesma e que senti que os pais me ouviram nos pequenos momentos em que participei não tendo desvalorizado a minha presença. Senti inclusive algum reconhecimento por parte dos pais com quem interajo diariamente nos momentos de acolhimento e de regresso a casa.

Ainda no tema das relações, esta semana tentei interagir um pouco mais com os pais das crianças não só com a minha presença na reunião, mas também no acolhimento durante a manhã e de regresso a casa à tarde. Considero estes momentos bastante importantes tendo em conta a importância que estas relações têm no desenvolvimento das crianças. Segundo Bove (citado por Post e Hohmann, 2003) *“ao mesmo tempo que pais e (educadores) estão a aprender algo sobre as crianças . . . [estas] beneficia[m] das relações que se estão a desenvolver entre adultos”* (p.299).

Se a relação que os adultos estabelecem entre si, estando nestas incluídas as relações com os pais e familiares das crianças forem de cooperação e entreajuda, esta tem a meu ver vários fatores positivos, sendo o principal o facto de estas relações poderem servir de modelo para as crianças. Se as famílias e as instituições/ escolas trabalharem em conjunto e no mesmo sentido o desenvolvimento das crianças só será beneficiado. Tal como afirmado nas Orientações Curriculares para o Pré-Escolar (OCEPE, 2016): “os pais/famílias e o estabelecimento de educação pré-escolar [e de creche] são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa, por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.28).

Para que seja estabelecida uma parceria entre a escola e família podem ser tomadas algumas medidas que incentivem as famílias a fazê-lo, tais como incluí-las nas

atividades dinamizadas na sala e a realização de uma comunicação ativa tanto em momentos informais como em momentos mais planeados.

No que se refere ao meu período de estágio, e ao longo do mesmo, já consegui observar na sala e na instituição vários momentos de parceria entre a escola e as famílias. Na sala 13 pude observar que quando é pedido aos pais que participem numa atividade a resposta que estes dão à educadora é quase sempre afirmativa. O último exemplo deste tipo de parceria foi o pedido que foi feito às famílias para que estas construíssem um presépio para o Natal e colaborassem na recolha de alimentos a entregar a uma instituição. Esta é uma iniciativa que a meu ver é muito importante pois é uma forma de alertar as crianças para a importância de ajudar o outro lhes apresentar valores como a solidariedade para com o próximo:

“Eu vou trazer esparguete para dar aos outros meninos que não têm!”

(Nota de campo de 30.11.2017, Sala de atividades).

“Eu trouxe arroz e massa para o cabaz para os outros meninos!”

(Nota de campo de 30.1.2017, Sala de atividades).

Neste processo de estabelecimento de relações entre a escola e a família das crianças, o educador de infância desempenha um papel muito importante. É este que vai ser o principal impulsionador deste tipo de relações, enquanto representante da escola, e portanto é essencial que encontre as formas de comunicação e articulação mais adequadas para este processo.

Em jeito de conclusão, na minha opinião é extremamente importante o estabelecimento de boas relações entre todos os intervenientes no processo educativo e de desenvolvimento das crianças. Estas relações irão aumentar as expectativas que as crianças detêm sobre o comportamento das outras pessoas e sobre os seus próprios comportamentos, uma vez que utilizam aquilo que observam como exemplo a seguir.

REFERÊNCIAS

Post, J. & Hohmann, M. (2003). *Educação de bebês em infantários: Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., Rosa, M.. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

2.11. Reflexão da semana de 4 a 7 de dezembro de 2017

Uma vez que na semana passada me foquei um pouco mais nas atividades relacionadas com o projeto sobre os dentes – “Dentes brilhantes, dentes saudáveis” -, durante esta semana participei mais ativamente em todos os momentos de atividade e rotina do grupo.

No entanto, esta semana prestei especial atenção aos tempos de escolha livre das crianças, isto é, aos momentos em que cada uma pode individualmente optar pelo que quer fazer, como quer fazer e com quem o quer fazer tendo em conta os seus gostos e interesses e segundo o seu nível de desenvolvimento (Hohmann e Post, 2003). Tal como Post e Hohmann (2003) afirmam, “o tempo de escolha livre consiste num período de tempo em que . . . [as] crianças podem investigar e explorar materiais e acções e interagir com os seus pares e educadores” (p.249).

Durante esta semana, sempre que existiram momentos como estes permaneci disponível para observar e interagir com as crianças se estas assim o desejassem. Assim sendo, observei vários destes momentos e participei de outros. Através destas observações e interações fui também capaz de promover a autonomia das crianças e de levá-las a fazer valer as suas escolhas. Isto é, se ao longo deste meu período de estágio tenho verificado que por vezes as crianças dependem muito dos adultos para realizarem pequenas ações, para escolherem o que querem fazer durante o seu dia, ou para fazer valer as suas decisões (por exemplo a escolha das áreas no mapa de tarefas) momentos como este permitem-me incentivar as crianças a fazê-lo autonomamente:

“S. A. - Daniela, preciso de um lápis preto!

D- Então e já procuraste o lápis?

S.A. - Não!

D- Então vai procurar, se não encontrares eu ajudo-te.” (Nota de campo de 20 de novembro de 2017, sala de atividades).

“S.E. – Daniela, podes afiar o lápis?

D – Podes ser tu a afiar o lápis. Tens o afia ali em cima vai lá busca-lo e tenta tu.”(Nota de campo de 15 de novembro de 2017, sala de atividades).

A meu ver, o tempo de escolha livre é muito importante pois permite que a criança tome consciência das várias opções que lhe são disponibilizadas, que pense sobre elas e que ao chegar a uma conclusão escolha tendo em conta a sua vontade. Alguns dos critérios que as crianças podem utilizar aquando da realização de uma escolha prendem-se com os seus gostos, as suas prioridades, ou alguma outra questão que interfira nesses mesmos critérios. (Lino, 2014).

O tempo de escolha livre permite ainda às crianças que “conforme vão interagindo com pessoas e materiais, . . . [construam] conhecimento sobre representação, movimento, comunicação, objectos, primeiras noções de quantidade e de número, espaço e tempo.” (Hohmann e Post, 2003, p.249). Esta é mais uma das vantagens de permitir que as crianças disponham de tempo de escolha livre e que vai ao encontro de um dos principais objetivos da educadora cooperante para o desenvolvimento das crianças deste grupo, o desenvolvimento da sua independência e autonomia.

Em jeito de conclusão, posso afirmar que a meu ver é extremamente importante continuarem a existir tempos de escolha livre, uma vez que, tal como referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré- Escolar (2016), “adquirir maior independência significa, na educação pré-escolar, ser progressivamente capaz de cuidar de si e utilizar os materiais e instrumentos à sua disposição”. (p.36).

REFERÊNCIAS

- Lino, D. (2014). *A Qualidade do Contexto na Educação de Infância Perspetivada através da Escolha e do Envolvimento*. Estudos sobre Educação, v.25 - n.3, pp.137-154.
- Post, J. & Hohmann, M. (2003). *Educação de bebés em infantários: Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., Rosa, M.. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

2.12. Reflexão da semana de 3 a 5 de janeiro de 2018

Esta semana, tendo em conta a interrupção letiva para férias do Natal, só estive presente na instituição durante três dias. Assim, e tendo em conta que a pausa foi de duas semanas decidi que esta semana não iria planificar nenhuma atividade e que me iria focar em brincar com o grupo e restabelecer o contacto diário com o mesmo. No entanto, continuei a participar das atividades dinamizadas pela educadora cooperante e na rotina diária da sala. Senti realmente muita facilidade em voltar a entrar na rotina do grupo, e senti que as crianças da sala me reconhecem como um elemento adulto de referência. Esta situação levou-me a questionar a importância do papel do educador de infância junto do grupo por quem é responsável.

Desta forma considero, que embora seja da opinião que a criança ocupa um papel central na educação de infância, o papel desempenhado pelo educador é também extremamente importante. Este é o principal responsável por proporcionar às crianças oportunidades que permitam o seu desenvolvimento e pelos cuidados que lhes são fornecidos e não deve portanto ser apenas um adulto que ajuda a satisfazer as suas necessidades. Deve ser alguém que a conhece, que se preocupa e que está disponível, mas principalmente deve ser alguém que com os seus conhecimentos planeia a sua ação junto das crianças e promove o seu desenvolvimento a todos os níveis (Dias, 2012).

Visto que o educador de infância é detentor de conhecimentos teóricos que devem servir de base na tomada de decisões, deve ser capaz de prestar à criança todos os

cuidados de que esta necessita, sejam estes cuidados básicos, emocionais ou relacionais. Ao fazê-lo, este irá garantir o estabelecimento de uma relação – relação pedagógica – para com a criança que irá, conseqüentemente, facilitar o seu desenvolvimento. Se o educador conhecer bem as crianças pelas quais é responsável saberá mais facilmente a forma como deve atuar junto destas. Saberá também a melhor forma de planejar toda a sua ação, dando-lhe sempre uma intencionalidade pedagógica, que vise a evolução progressiva da criança (Dias, 2012).

De forma a conseguir desempenhar este papel corretamente, o educador de infância deve possuir um conjunto de saberes sobre as crianças pelas quais é responsável, tais como as suas fragilidades, potencialidades, necessidades e interesses, bem como o seu ritmo de desenvolvimento, de forma a garantir a criação de um ambiente potenciador das aprendizagens de todas e cada uma das crianças desse mesmo grupo. Deve, por isso, criar um clima de apoio, adotando uma postura ativa, de estímulo e de envolvimento para o contexto. Conseqüentemente, a criança sentir-se-á segura no mesmo e irá envolver-se de forma efetiva nas atividades que lhe forem proporcionadas.

Outro aspeto de suma importância que um educador deve ter em atenção quando planeia a sua ação é a forma holística como a criança se desenvolve. Esta desenvolve-se como um todo, não sendo possível dissociar o seu desenvolvimento a nível emocional e social do seu desenvolvimento a nível cognitivo (Dias, 2012).

Considerando os aspetos até então declarados, a função dos educadores de infância não se restringe à ação pedagógica implementada dentro da sala (Cardona, 2011). Cabe ao educador dar “respostas pedagógicas e sócio-educativas adequadas à especificidade das necessidades das comunidades, numa perspectiva ampla que articule as iniciativas desenvolvidas pelos diferentes serviços e instituições” (Cardona, 2011, p.148).

Não obstante, paralelamente a esta função, encontra-se ainda a necessidade urgente de uma articulação entre o *cuidar* e o *educar* nas práticas de trabalho desenvolvidas pelos educadores. Reforçando esta ideia, Rocha (2001) afirma que, cabe aos educadores terem presente nas suas atitudes e intenções a consideração da multiplicidade de saberes e experiências exigidas pelas crianças, de forma a contribuir

para o desenvolvimento e crescimento da mesma e, para dar resposta às suas necessidades físicas e emocionais.

Atentando à evolução dos modelos curriculares, os educadores tendem a articular na sua prática educativa as várias influências. Desta forma, destaca-se que o papel desempenhado pelo educador é cada vez menos previsível, numa perspetiva de “conceber a aprendizagem como fonte de desenvolvimento” (Cardona, 2011, p.152). Na mesma linha de pensamento, cabe ao educador promover experiências que “envolvam as crianças em investigações de coisas que vale a pena conhecer” (Katz & Chad, 2000 citado por Katz e Ph, 2006, p.15), num papel de apoio, onde é imprescindível que o educador acolha e valorize os saberes que as crianças já trazem consigo, pois a criança não chega, à escola, como uma tábua rasa.

Note-se que a centralidade da criança no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem pretende que esta seja envolvida no processo e tenha voz. Assim sendo, estas alterações na forma de encarar a criança trazem-nos “reflexos nas praticas educativas” (Cardona, 2011, p.152) e evidenciam que “cada vez mais [é] importante que a sua ação seja mais direcionada e planificada” (Cardona, 2011, p.152) e ainda exista “uma maior reflexão sobre quais os conteúdos mais relevantes” (Cardona, 2011, p.152), considerando-se sempre as características das crianças.

No que se refere ao que acontece na sala 13 posso afirmar que não só a educadora B., mas todos os elementos integrantes da equipa educativa conhecem bem todas as crianças do grupo. Este aspeto permite que a ação destes junto das crianças seja mais assertiva e crie um clima de segurança favorável ao processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Em jeito de conclusão, posso mais uma vez afirmar que o conhecimento que um educador de infância detém sobre o seu grupo é extremamente importante pois permite-lhe planear a sua ação tendo em conta a melhor forma de promover o desenvolvimento da criança.

REFERÊNCIAS

- Cardona, M. J. (2011). *Educação Pré-Escolar ou Pedagogia da Educação de Infância? Fundamentos e concepções subjacentes* (141-159).
- Dias, D. (2012). *O educuidar na Creche e Jardim-de-Infância* (Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Setúbal, Setúbal). Consultada em <http://hdl.handle.net/10400.26/4316>.
- Hauser-Cram, P. & Nugent, J. K. & Thies, K. & Traveres, J. (2014). *Development of Children and Adolescents*. United States of America: Wiley.
- Katz, L., Ph, D. (2006). *Perspectivas actuais sobre aprendizagem na infância*. In Saber (e) Educar, 11, 7-21.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., Rosa, M.. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

2.13. Reflexão da semana de 8 a 12 de janeiro de 2018

De uma forma geral posso dizer que esta semana correu bem e sendo a penúltima semana de estágio foquei a minha atenção nas interações entre as crianças como forma de garantir mais registos e notas de campo para a minha investigação. Estes registos são muito importantes que a iram sustentar e tal como Silva, Marques, Mata & Rosa (2016) afirmam que “Observar o que as crianças fazem, dizem e como interagem e aprendem constitui uma estratégia fundamental de recolha de informação”. (p.3).

No entanto, ao realizar os meus registos reparei que durante esta semana existiram alguns conflitos para os quais as crianças pediram auxílio a um adulto para a sua resolução. Nestes momentos constatei também que se anteriormente as crianças tinham algumas dificuldades em resolver estes conflitos, nesta semana com o apoio do adulto enquanto moderador da situação estas foram capazes de fazê-lo:

“Est. – O que se passou? Expliquem-me lá!

T. – O S. empurrou-me e eu caí!

Est. – Empurraste o T., S.?

S – Não! Eu estava a correr, olhei para o lado e depois fui contra ele! Foi sem querer! Desculpa!

T. – Está bem...

Est. – Vêm? Se conversarmos é melhor!

S.- T., vamos brincar?

T. – Sim, vamos!” (Nota de campo de 10 de janeiro de 2018, recreio)

Segundo Shantz (1987) para que exista um conflito é necessário que dois ou mais elementos se oponham uns aos outros. Também Hay (citado por Shantz, 1987) afirma que um conflito é “uma forma de troca social entre, pelo menos, duas pessoas” (p.285). Num grupo constituído por várias crianças “a vida em grupo implica confronto de opiniões e necessidade de resolver conflitos que suscitarão a necessidade de debate e de negociação, de modo a encontrar uma resolução mutuamente aceite pelos intervenientes”. (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.39).

Um conflito pode surgir por diversos motivos, sejam estes resultantes de ações que contrariam as vontades das crianças ou ações que normalmente são valorizadas, isto é um abraço ou um sorriso. Tal como Garvey (citado por Shantz, 1987) afirma “descobrimos que não era possível prever antecipadamente como é que um conflito iria começar . . . e até mesmo uma aparente inofensiva sugestão pode ser oposta”. (p.281).

Na sala 13 é possível verificar exemplos das situações acima descritas uma vez que, por vezes as crianças entram em conflito com os seus pares porque querem o mesmo brinquedo, ou por vezes porque um dos seus amigos o abraçou e naquele momento a criança em questão não queria ser abraçada. Podem ser exemplos destas situações os momentos descritos nas notas de campo a seguir apresentadas:

“S. E. – Deixa-me F.! [S. afasta F. que tenta abraçá-la] Oh Daniela, o F. não me deixa! [F. tenta abraçar S. novamente e esta empurra-o]” (Excerto de Nota de campo de 11 de janeiro de 2018, sala de atividades)

“T. – Daniela o S.A. não me deixa brincar com ele!

S.A. – *O T. estava a tirar a minha peça!*” (Nota de campo de 10 de janeiro de 2018, sala de atividades)

Tal como supracitado, existem inúmeros motivos que podem levar à existência de conflitos entre pares e por vezes estes até podem surgir em momentos que poderiam ser considerados afetivos e calorosos. Quer isto dizer, que apesar de por vezes podermos esperar uma determinada reação de uma criança, esta pode sempre surpreender-nos. Esta pode ainda reagir de forma diferente a situações semelhantes, podendo ser esta diferença de atitude ter que ver com as pessoas intervenientes na situação ou até com a disposição da criança.

Tendo em conta tudo o que foi acima apresentado, considero que é necessário que o adulto ou adultos responsáveis pelo grupo tenham em atenção a forma como gerem estes conflitos. Estes devem ter como principal foco de atenção garantir a integridade física das crianças, mas devem também agir de forma a potenciar a autonomia das mesmas para que mais tarde estas sejam capazes de resolver os seus conflitos sem o auxílio de um adulto.

Ao observar a sala 13 e a forma como os adultos presentes no contexto intervêm em situações de conflito posso assegurar que estes permitem e incentivam as crianças resolver os seus conflitos. Além disso, estes servem ainda de moderador dos mesmos não apresentado logo uma possível solução às crianças, mas incentivando-as a pensar e refletir sobre o que fizeram. No entanto, é importante referir que em situações limite em que uma criança magoa outra, os adultos presentes intervêm não permitindo que a criança o continue a fazer e rejeitando ações desse tipo.

Em jeito de conclusão, posso reiterar a importância da forma como os adultos devem incentivar as crianças a resolver os seus conflitos. Ao fazê-lo, estes não estarão só a estimular o diálogo entre as crianças, mas também a gradualmente promover a sua autonomia.

REFERÊNCIAS

Shantz, C.U. (1987). Conflicts between children. *Child Development*, 58, 283-305.

Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., Rosa, M.. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

2.14. Reflexão da semana de 15 a 19 de janeiro de 2018

Esta foi a última semana de estágio e tal levou-me a refletir sobre a avaliação na educação pré-escolar. Não só a avaliação da ação do adulto, mas também a avaliação das crianças.

No que se refere à avaliação da ação do educador de infância, considero que o processo de avaliação da ação do mesmo está intimamente ligado com as respostas que este obtém das crianças. Isto é, sempre que avalia a sua ação e chega à conclusão que esta não está a ser a mais adequada, o educador deve reajustá-la para que as crianças progridam no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Desta forma, um educador de infância deve observar grupo de crianças a seu cargo e fazer registos sobre o mesmo de forma a conhece-lo, pois só assim conseguirá que a sua planificação seja significativa para esse mesmo grupo.

Tendo em conta o supracitado posso afirmar que:

Não há ação educativa que possa ser mais adequada do que aquela que tenha a observação da criança como base para a planificação educativa. É que isso permite ao adulto programar e agir com base na tensão criativa entre uma perspetiva curricular teoricamente sustentada e um conhecimento real dos interesses, necessidades, competência e possibilidades da criança (Oliveira-Formosinho, 2007, p. 59).

Ao longo da minha intervenção através das reflexões de cada atividade e das reflexões semanais que foram realizadas procurei reajustar a minha ação e as estratégias utilizadas para estas tivessem sempre por base uma intencionalidade educativa. Se assim não fosse, e tal como afirmam Sousa e França (2014): “estariamos perante depósito de

crianças em armazéns para mera guarda e assistencialismo em termos de higiene e alimentação.” (p.42).

No que concerne à avaliação das crianças, na educação pré-escolar a avaliação não é realizada de forma quantitativa, ou seja, não é atribuída nenhuma classificação ao desempenho e aprendizagens das crianças. Nesta valência, a avaliação é formativa, isto é, prende-se com a documentação e descrição de todo o processo de aprendizagens das crianças “de modo a valorizar as suas formas de aprender e os seus progressos”. (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.15). Segundo as OCEPE, a avaliação “é reinvestida na ação educativa, sendo uma avaliação *para* a aprendizagem e não *da* aprendizagem”. (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.16).

Uma das formas possíveis de verificação do progresso e evolução das crianças prende-se com o registo e a documentação de todos os momentos vivenciados pelas crianças. O educador deve registar/ documentar todas as atividades realizadas, uma vez que:

qualquer momento de interacção [sic], qualquer tarefa realizada pode permitir [ao educador] . . . a recolha de informação sobre a criança e o grupo, tendo como finalidade registar evidências das aprendizagens realizadas pelas crianças que permitam documentar os seus progressos, acompanhar a sua evolução e simultaneamente escolher elementos concretos para a reflexão e adequação da sua intervenção educativa. (ME, 2011, p. 6).

Durante a minha intervenção no estágio da PPS II foi solicitada a realização de um portefólio do desenvolvimento e aprendizagem com uma das crianças do grupo. Segundo Gaspar & Silva (2010) um “portfolio é uma selecção [sic] organizada entre criança e o educador dos melhores trabalhos realizados onde é visível o desenvolvimento, as aprendizagens adquiridas e os novos conhecimentos atingidos e alcançados”. (p.10).

A meu ver a construção de um portefólio é uma das melhores formas de documentar e avaliar as aprendizagens das crianças, porque além de ser construído em parceria com as mesmas, permite que os seus progressos sejam evidentes para quem o

consultar. O portefólio é também uma forma de evitar que sejam feitas comparações entre as crianças, uma vez que “o que é valorizado e identificado é o desenvolvimento cognitivo, sócio-emocional [sic] e físico das crianças como seres individuais manifestado por estas através dos trabalhos realizados ao longo de um determinado período de tempo”. (Gaspar & Silva, 2010, p.3).

A utilização de um portefólio, como instrumento de avaliação, que englobe as diversas produções das crianças, permite ainda guardar “tudo o que de importante as crianças fizeram, aprenderam a fazer e já sabem fazer, de acordo com as suas idades e desenvolvimento” (Gaspar & Silva, 2010, p.10).

Em suma, posso afirmar que considero todo o processo de avaliação extremamente importante no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, uma vez que:

Sem este processo seria quase impossível adaptar as práticas pedagógicas e reformular para melhor o processo educativo. É indispensável avaliar as aprendizagens adquiridas pelas crianças, para se concluir se o método/modelo pedagógico, bem como a forma como está a ser trabalhado, desenvolvido e aplicado é a mais adequada, caso contrário poderá reformular-se de acordo com as necessidades das crianças/grupo. (Gaspar & Silva, 2010, p.5).

REFERÊNCIAS

Circular n.º.4/ DGIDC/ DSDC/ 2011. Avaliação na educação pré-escolar. Ministério da Educação, Lisboa.

Formosinho, J. O. (Org). (1998). A contextualização do modelo curricular *high-scope* no âmbito do projecto infância. In Formosinho, J. O. (org). Spodez, B., Brown, P.C., Lino, D., Niza, S., *Modelos Curriculares para a Educação de Infância* (2.^a ed.). (pp.51-85). Porto: Porto Editora.

Gaspar, D. & Silva, A. M. C. (2010). A avaliação na Educação Pré-Escolar e a utilização do Portfólio. In J. C. Morgado et al (orgs.), Actas do 2º Congresso Internacional sobre Avaliação em Educação: *Aprender ao Longo da Vida. Contributos, perspectivas e questionamentos do currículo e da Avaliação*. Braga: Universidade do Minho, pp. 1104-1121. (publicado em Julho 2011).

Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., Rosa, M.. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Sousa, J., França, A. (2014). *Que avaliação de infância?*, 32, 40-53.

.

ANEXOS

